

# PUC

TERESINHA MARIA NICOLINI DA FONSECA ANCIAES

"SER GEMEO - SER DUPLO"  
- UMA SINGULAR HISTORIA NARCISICA -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, Junho/1992

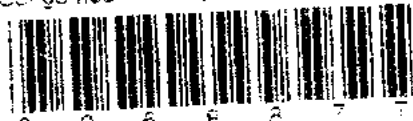
INSTITUTO DE PSICOLOGIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 - CEP 22453

RIO DE JANEIRO - BRASIL


58877

N. Chamada: 150 / A541 / TESE UC  
Titulo: "Ser gemed - ser duplo"



0 0 5 8 8 7 7  
EX 2-CENTRAL

1723



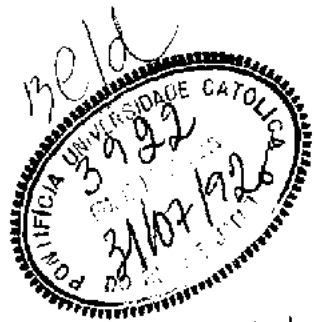
TERESINHA MARIA NICOLINI DA FONSECA ANCIAES

"SER GEMEO - SER DUPLO"  
- UMA SINGULAR HISTORIA NARCISICA -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, Junho/1992



CG. 38405-0

58877

150  
A541  
RESOLIC

TERESINHA MARIA NICOLINI DA FONSECA ANCIAES

"SER GEMEO - SER DUPLO"

- UMA SINGULAR HISTORIA NARCISICA -

Dissertação apresentada ao Departamento  
de Psicologia da PUC-RJ como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Monique Augras

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
Rio de Janeiro, Junho/1992

A Bete

## AGRADECIMENTOS

a Monique Augras pela orientação precisa  
e cuidadosa

a Angela Podkameni pela atenção e  
confiança sempre presentes

a Luiz pelo seu amor e estímulo  
aos meus pais que puderam me dar as  
condições fundamentais para atingir meus  
ideais.

ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ  
e ao CNPq pelo apoio recebido.

## RESUMO

Da vivência da relação transferencial na análise de um gêmeo univitelino surgiu o interesse em tal estudo. A percepção da particular representação que o gêmeo traz em si da dualidade constitutiva de todo ser humano conduziu à questão básica a ser investigada: a evolução de seu narcisismo e suas implicações.

Inicialmente foram reunidas características amplas - das crenças e mitos ao comportamento típico manifesto - que pudessem servir ao entendimento da natureza da relação entre os gêmeos iguais.

Sendo o narcisismo o eixo orientador deste estudo, fez-se a opção por trabalhar com as idéias de Freud e Kohut. Com Freud introduziu-se a conceituação e apresentou-se as modalidades de investimento - libido objetal e libido narcísica - marcando suas diferenças e correlações para a composição de um equilíbrio libidinal. Também ficaram caracterizados os conceitos de narcisismo primário e secundário. Finalmente firmou-se a estreita ligação entre o narcisismo, o ego, o ideal do ego e o superego. De acordo com Kohut foi apresentado o conceito de self e sua inter-relação com a estrutura psíquica. Entendendo o narcisismo como a catexia do self, que conserva-se por toda a vida, delineou-se as configurações arcaicas infantis - o self narcísico e a imago parental idealizada - precursoras das estruturas psicológicas básicas controladoras dos impulsos - o superego e o ideal do ego.



A partir daí pretendeu-se alcançar a compreensão de como cada gêmeo participa da construção da estrutura psíquica do outro, apreendendo tal relação na especificidade do desenvolvimento do narcisismo dos gêmeos. Foram levantadas questões quanto à vivência de unidade psíquica, ao estabelecimento de representações do self, à formação de um ideal do ego, à inter-relação gemelar e às relações objetais, ao papel desempenhado pelo meio, especialmente a figura materna, naquela construção.

As principais conclusões obtidas referem-se ao lugar de ideal do ego assumido reciprocamente por cada gêmeo, às dificuldades quanto ao estabelecimento de representações do self diferenciadas (imagem do self) e da fixação em um self-objeto arcaico que constantemente precisa ser reativado para a manutenção da homeostase narcísica.

## ABSTRACT

The experience of transference relationship in the analysis of identical twins, brought on the interest appearing in this study. The perception of a specific representation that a twin carries within himself in terms of constitutive duality proper to all human beings, led to the basic question to be investigated in the present study: the evolution of the twin's narcissism and its implications.

Initially, we started out by gathering a large number of characteristics of beliefs and myths related to the typical manifest behavior - aiming at a better understanding of the kind of relationship existing between identical twins.

The main orientation guide of this study was narcissism, choosing to focus this subject, matter within Freud's and Kohut's theories. Within Freud's theoretical context, the main concepts were introduced as well as their ways of being libidinally invested-object libido and narcissistic libido - emphasizing its differences and correlations to achieve a libidinal balance. The concepts of primary and secondary narcissism were then characterized. Finally, the close link between narcissism, ego, ideal ego and superego were investigated. The concept of self and its inter-relation with psychic structure, according to Kohut, was then introduced. Starting with an understanding of narcissism as a self cathexis, preserved all life long, archaic childhood configurations were then outlined - narcissistic self and idealized parental imago -

these latter being the precursors of impulse controlling basic psychological structures - the superego and the ideal ego.

Reaching this point, an understanding of how each twin participates in the construction of the other twin's psychic structure was attempted, apprehending this relationship in the specific context of the twins' narcissic development. The experience of psychic unity, the establishment of self representations, the formation of an ideal ego, the twins' inter-relationship as well as object relations; the role environment plays in this, and more specifically the mother figure - were some of the issues and questions that arose in terms of twins' psychic structure construction.

The main conclusions reached in this study, refer to the place the ideal ego assumes for each twin reciprocally, the difficulties related to the establishment of differentiated self representations (self image) and fixation on one archaic self-object in need of constant reactivation in order to keep narcissistic homeostasis.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPITULO I Sobre as particularidades de ser gêmeo.....	05
CAPITULO II A abordagem Freudiana do narcisismo.....	16
CAPITULO III As transformações do narcisismo - H. Kohut.....	38
CAPITULO IV Aspectos da evolução do narcisismo na situação gemelar .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
BIBLIOGRAFIA .....	76

## INTRODUÇÃO

O encontro com gêmeos sempre é suscitador de interrogações e de afetos variados. Afinal mitos estão a lhes envolver numa aura que vai do sagrado ao sinistro.

Como é ser gêmeo? Como deve ser possuir um outro idêntico a si próprio? Talvez essas sejam as principais perguntas a nos ocorrer; e a estranheza e a perplexidade, os sentimentos básicos.

Entretanto é na relação terapêutica onde melhor podemos apreciar o significado da gemelaridade. Mais precisamente, na transferência evidencia-se a dinâmica psíquica de alguém que possui um duplo idêntico na realidade externa. Alguns autores (Joseph, Arlow) falam de um tipo "*sticky*" de transferência que traduziríamos como viscoso, pegajoso. Mas o que se quer tornar claro é que a recriação do relacionamento entre gêmeos, na situação analítica, mostra-se com aspectos especiais.

Em nossa prática clínica também pudemos observar tal característica. Nas sessões iam sobrepondo-se questionamentos referentes aos relacionamentos, à situação de casamento, à própria natureza da relação terapêutica. A procura de uma relação satisfatória apresentava-se frequentemente frustrante. Os relacionamentos iniciavam-se sob forte admiração e idealização para depois, perdendo brilho e interesse, transformar-se em ressentimento. Tudo isso vivido com grande sofrimento. A relação terapêutica encontrava-se fadada ao mesmo curso. Apesar da relação gemelar pouco ser mencionada diretamente ela presentificava-se na transferência e em todos os outros vínculos

estabelecidos. A vivência do continuum aproximação (união) - distanciamento (separação), ponto básico de discussão, parecia revelar um complexo interno particular, que acabou por deflagrar nossas investigações.

Muitas dúvidas surgiram e com o amadurecimento das questões, chegamos a uma essencialmente.

A duplicidade encontrada na natureza humana é retratada com expressividade na situação gemelar. Essa duplicidade diz respeito a um outro, a figura materna, que originalmente participa, através da reflexividade, do processo de construção e desenvolvimento da vida mental. Poderíamos dizer então que todo indivíduo forma sua própria imagem a partir da imagem que um outro, por espelhamento lhe oferece. Mas na gemelaridade encontramos além da mãe, o outro irmão, que além de intervir na relação com esta, sem dúvida estabelecerá algum tipo de ligação com o gêmeo. A questão da alteridade complexifica-se. Como cada gêmeo, enquanto um outro, presente, tomaria parte nesse processo indicado anteriormente? De que modo o duplo idêntico introduzir-se-ia na estruturação psíquica do outro? E quais as implicações dessa elaboração?

Estava, portanto, definida a pergunta fundamental.

Para pensar e nortear esta discussão o campo teórico escolhido foi o da Psicanálise. Tal escolha justificou-se por, além dos aspectos próprios da nossa formação, nos proporcionar o caminho mais apropriado para investigar o duplo. Seguimos então através do estudo do narcisismo, em vista da série de correlações passíveis de serem estabelecidas.

A concepção inicial indicada por Freud sobre o narcisismo seria o ponto de partida. Mas pareceu-nos indispensável acrescentar as contribuições de Kohut por significarem uma expansão da abordagem freudiana e, outrossim, por se apresentarem como o que de mais moderno vinha sendo proposto acerca do conceito de narcisismo.

Nossa opção também conduziu-nos a limitar o estudo aos aspectos libidinais do narcisismo, ficando os agressivos raramente mencionados. Estes dizem respeito à rivalidade e raiva sentidas entre os gêmeos pela vivência primitiva de um terceiro, um intruso, que se interpõe na relação exclusivista fantasiada e desejada com o objeto materno. Estamos cientes de possíveis repercussões dessa escolha mas achamos que, de forma alguma, invalidariam qualquer conclusão alcançada.

Antes de seguir levantando a bibliografia sobre gêmeos restringimos nosso campo de interesse aos gêmeos univitelinos, os chamados gêmeos idênticos. Essa havia sido nossa experiência e resolvemos privilegiá-la.

Iniciando a pesquisa constatamos, curiosamente, que inúmeros estudos tinham sido realizados em gêmeos, mas poucos a respeito de gêmeos. Os trabalhos científicos traziam em si, predominantemente, discussões relativas às noções do inato, hereditário, e do adquirido, as influências do meio, na determinação de aspectos individuais. Os gêmeos serviam, e ainda servem, como parte da metodologia de trabalho. No "Psychological Abstracts", por exemplo, a proporção de artigos publicados com esse fim é incontavelmente superior àqueles que pretendem

explorar a problemática da psicologia dos gêmeos, colocando-os, mais precisamente, como objeto de estudo.

Escassa, portanto, é a bibliografia sobre a psicologia dos gêmeos, concentrando-se as referências desde o período final da década de 40 até o início de 60. Não foi possível obtê-los todos, mas concentramos nossos esforços no estudo daqueles que mereceram destaque, este dado pelos artigos mais recentes. Os textos atuais impregnam a construção de nosso trabalho, o que aponta para sua relevância.

O funcionamento subjetivo, a formação da estrutura psíquica, o relacionamento inter-gêmeo, carecem de estudo, o que viria contribuir inclusive para o entendimento de outras relações a dois, que em muito assemelham-se à gemelar.

Interessante constatar que os sentimentos iniciais motivadores de tal trabalho perduraram durante todo o percurso. Coisas do narcisismo ou, talvez como diria Freud, relacione-se ao encanto de um tema que fala de uma relação um tanto autosuficiente e inacessível, idealizada.

Acreditamos termos nos aproximado um pouco mais do sentido de ser "gêmeo" e gostaríamos de que pudessem agora acompanhar tal compreensão.



## CAPITULO I

### SOBRE AS PARTICULARIDADES DE SER GEMEO

O fenômeno da generalidade desde muito foi objeto de fascínio e interesse pelas sociedades. Talvez um misto de veneração, respeito e temor. Antigas civilizações concediam aos gêmeos um papel importante associando-os, com freqüência, a mágicos poderes, forças divinas e demoníacas.

Na mitologia muitos exemplos podem ser enumerados de divindades gêmeas, representativas de aspectos opostos da experiência humana relativa à vida e à morte.

Algumas crenças religiosas vêem o nascimento de gêmeos como sinal de infortúnio, outras como marca do sagrado. Mittler (1971) faz referências à necessidade do sacrifício de um dos gêmeos, geralmente o segundo, para que o outro possa sobreviver; à visão de impureza creditada à mãe pelo duplo nascimento, possível prova de infidelidade; e por outro lado à atribuição de responsabilidades pela fertilidade, pela imortalidade e pelo controle das forças da natureza.

Augras (1990-1991) ao estudar um culto afrobrasileiro - "Os Ibeji" - revela que o nascimento de gêmeos produz uma nova organização na linha fraterna, já que todos os que agora vierem a nascer serão nomeados por relação àqueles. Seguindo essa idéia, importante conclusão, também alcançada por Augras, é a que se refere ao sentimento de desordem que é experimentado diante do nascimento de gêmeos.

*"La naissance des jumeaux est donc ressentie comme irruption du désordre. La venue des autres enfants va permettre de reprendre l'ordre naturel des choses, et l'attribution d'un nom rituel aux successeurs immédiats des jumeaux semble avoir pour fonction la délimitation, dans temps, de l'extension de ce désordre"(1990-1991, p.11).*

Tal conclusão, a princípio particular, poderia ser considerada como o que se instaura, sem tempo nem lugar, em presença de gêmeos. Talvez esse sentimento incipiente de desordem esteja correlacionado ao significado especial que a situação gemelar se vê revestida. Trata-se da questão do duplo que os gêmeos, ao que parece, representam concretamente.

Rank (1938) mencionou as concepções do homem primitivo sobre a sombra e a alma humana. Muitas crenças são descritas com relação à sombra que cada indivíduo possui. Aqueles que diante de uma luz não são capazes de produzir sua sombra estão destinados a morrer; poder assassinar um inimigo ferindo sua sombra; qualquer dano causado à sombra prejudicará automaticamente o seu possuidor, são algumas dessas crenças. A sombra é considerada como duplo enigmático e a associação de ausência de sombra à iminência de morte é frequente.

Rank, aprofundando sua análise, estabelece uma identidade simbólica entre a sombra e a alma humana. O medo à morte foi o gerador da crença na sua existência. Efetivamente crer numa alma, um duplo semelhante ao indivíduo, e de caráter imortal, se constituiria numa garantia de imortalidade.

Será pelo viés dessa questão que Rank situará o mistério que envolve a gemelaridade:

*"... devemos encarar o culto aos gêmeos como uma concretização mítica do tema sobre o duplo..." (1939, p. 136)*

*"... os gêmeos representavam a realização de um indivíduo, que trouxera consigo o seu duplo 'visível'..." (1939, p. 143)*

Singular situação que faz pensar sobre como essa vivência - "um duplo concreto" - é elaborada pelos gêmeos. Uma questão que, mais adiante, será retomada.

Freud, num artigo escrito em 1919, faz comentários sobre o tema do duplo vinculando-o à sensação de estranheza. Para ele o desejo do ego de resistir ao aniquilamento, levando à criação fantasiosa de um duplo, tem suas origens no amor de si mesmo. Caracterizar-se-ia numa luta narcísica para tentar manter a ilusão da onipotência, própria da mente infantil. Esse estágio acaba por ser superado mas vestígios se mantêm. Pela internalização de limites cria-se uma dualidade no seio da psique - o ego e uma instância crítica. Esta, enquanto censora e reguladora do próprio ego, está sempre atenta para que o já superado, dos primeiros momentos, assim continue.

A estranheza sobrevém do fato do encontro com o "duplo" referir-se a um encontro com um período anterior, original, do desenvolvimento da mente. O que não foi aceito e precisou ser reprimido é re-visto. O estranho tem algo de familiar, de velho conhecido.

Freud não se refere diretamente à situação gemelar mas, partindo do que foi exposto, pode-se supor que alguma peculiaridade se instale na evolução do narcisismo, na estruturação da psique de indivíduos gêmeos.

Em outro estudo psicanalítico, mais recente, Kalina e Kovadloff (1989) entendem a origem do dualismo a partir do reconhecimento pelo ego da finitude do corpo e da vivência incômoda a que corresponde. Tal vivência diz respeito ao reconhecimento de leis que independem do desejo do homem e à existência de um outro (aqui a ordem da natureza) que o regula e o condiciona.

A experiência da alteridade na construção do eu aqui se acha claramente enunciada. Essa alteridade que a princípio se vê referida às relações parentais, predominantemente a materna, pode também ser estendida às relações fraternas.

Brusset (1987) examinando o vínculo fraterno lhe conferiu um papel importante na constituição do ego. No caso dos gêmeos parece ser mais decisivo ainda.

*"La relation d'objet fraternelle se distingue des relations d'objet parentals par la mise en jeu de la projection (notamment sur forme d'identification projective) dans la proximité d'une relation symétrique, proche, inévitable, confrontant directement le sujet avec l'altérité d'un objet qui est, à la fois, un double de soi et un étranger" (1987, p. 16-17).*

Colocar-se como diferente numa relação gemelar, onde cada um é expressão especular do outro, é tarefa difícil. Mais ainda quando a proximidade, a compreensão desse outro, simétrico,

colaboram para o reconhecimento de si mesmo. É a definição de si por relação ao outro.

Em verdade pode-se constatar, em variado número, casos de gêmeos que apresentam falhas na aquisição do sentimento de identidade<sup>1</sup> e no desenvolvimento da percepção de si mesmo. Parecem estabelecer uma relação com características bastante peculiares.

Brusset (1987) alude à dialética do Senhor e do Escravo, segundo Hegel, para ilustrar com veemência a relação gemelar. A freqüente e prolongada interação dos gêmeos cria uma forte ligação de mútuo assujeitamento. Por uma negação recíproca estão a se determinar: "cada um é o que o outro nega e isso forma parte de si mesmo" (LEFEBVRE, 1970, p. 199). Nesse sentido a realidade dos gêmeos mostra sua existência na complementariedade dialética.

Mari Siemon (1980) reuniu alguns processos comportamentais que denotam o característico dessa relação: interidentificação, atitude gemelar e complementariedade.

---

<sup>1</sup> O conceito de identidade aqui adotado refere-se ao de Erickson (1976). Para ele, possuir um sentimento de identidade pessoal consiste na capacidade do ego de integrar suas experiências, numa relação passado-presente-futuro, após síntese e re-sínteses seletivas, mantendo a mesmidade e a continuidade diante de um conjunto de mudanças. Reconhecer-se e ser reconhecido pelo outro é fundamental nesse processo.

A interidentificação refere-se à constante presença de um outro, com mesma aparência e no mesmo momento de desenvolvimento, desfrutando de mútua companhia e intimidade. Pela similaridade física e satisfação mútuas os gêmeos costumam se ver intimamente ligados e como partes indiferenciadas de uma inseparável unidade. A partir dessa indiferenciação tenderiam a desenvolver características que fossem complementares objetivando o efetivo funcionamento do conjunto, da "dupla".

Um desejo inconsciente de ser parte da unidade põe em movimento tal conduta. Constituir um conjunto parece ser alternativa de existência. Mas um dilema, segundo Mari Siemon, coloca-se como crônico: ser a metade de uma pessoa ou uma pessoa completa.

Nos primeiros anos do desenvolvimento esse sentimento de unidade manifesta-se por uma completa indiferenciação, um *continuum* sem distinção, chegando mesmo a imaginar o outro como sua própria imagem.

*"Parallelism in behavior which exists in any two infants of the same stage of physical development must contribute many similar instances in which one twin perceives the other as though observing own mirror image is his twin" (Mari Siemon, 1961, p. 308).*

Com o ultrapassar de estágios no desenvolvimento físico e psíquico, a vivência dessa unidade pode vir a dissolver-se ou não. Entretanto é interessante observar que, na grande maioria dos gêmeos, existe uma angústia descrita sob a forma de um

sentimento de incompletude. Calvesi (1979) propõe considerá-la uma angústia de base específica da gemelaridade: "*angoscia di scissione gemellare del sé*".

*"... le tracce dell'evento biologico della scissione gemellar dell'ovulo fecondato. La psichicizzazione di tale evento consisterebbe in un sentimento di incompletezza per perdita di una meta del sé, perdita fantasticata come l'effetto di una attacco aggressivo subito in condizioni di impotenza assoluta alla reazione e alla difesa" (1979, p. 39).*

A marca de uma unidade, interdependente, parece encontrar-se fortemente impressa e uma persistente incapacidade para verem a si mesmos como separados é bastante freqüente. Alguns gêmeos afiguram-se a lados de uma mesma personalidade. As vezes agem como se fossem uma única pessoa, num jogo de papéis intercambiáveis. Como diz Zazzo (1960) os gêmeos são como o "símbolo", a metade complementar um do outro. Parecem possuir um "We-Self"<sup>2</sup> na concepção de Ortemeyer (1970). O poder e intensidade dessa ligação chega a estabelecer uma confusão de identidade.

Na literatura, de modo geral, é possível encontrar tal tema abordado com riqueza.

O romance *Os Meteoros*, de M. Tournier, relata a história de dois gêmeos idênticos, de enorme semelhança e união, que o próprio ambiente (familiar inclusive) não os distinguia e

---

<sup>2</sup> We-self é um conceito que refere-se à vivência de unidade psicológica, envolvendo a complementariedade na mútua divisão de aspectos da personalidade.

os chamava de Jean-Paul. Os próprios, durante um grande período de tempo, viveram harmoniosamente nessa cumplicidade, driblando a solidão e o desconhecido. Possuíam uma linguagem particular onde a comunicação implícita era o fundamental:

*"...a lingua gemelar... o eólico parte do silêncio da comunhão visceral e ascende até os confins da palavra social sem jamais chegar a atingi-los. É um diálogo absoluto, porque impossível de fazer partilhar por um terceiro, diálogo de silêncios e não de palavras" (1989, p.134).*

Mas esse grande jogo gemelar acaba por romper-se com a "fuga" de um dos irmãos. O sofrimento e a dor da separação pelo que foi amputado, perdido, parece ser o destino daquele gêmeo que resta sem-par.

Nas conhecidas histórias de Mark Twain outro exemplo da confusão gemelar. Irmãos gêmeos idênticos, um morre logo após o nascimento. O que ainda vive carrega por toda a existência a dúvida de jamais ter podido realmente saber quem havia morrido: ele ou o irmão.

A situação de confusão pelo espelhamento, pela duplicação, também aparece inserida nos contos: *William Wilson*, de E.A. Poe e *O Estudante de Praga*, de Ewers, para citar dois exemplos. Os autores introduzem, a certa altura, um duplo do herói, criando um clima de estranheza, e afrouxando os limites entre realidade e fantasia.



Para além da ficção literária, na própria prática clínica, pelo discurso dos pacientes em entrevistas ou no contato terapêutico (a relação transferencial), é possível perceber a singularidade da relação entre gêmeos.

Zazzo (1960) realizou uma série de entrevistas onde pretendia apreender a realidade gemelar na sua disparidade e na sua especificidade. Independente de seu objetivo, alguns relatos demonstram traços da indiscriminação eu-outro e da confusão entre os limites do self. Em vários pares de gêmeos a reação a qualquer tipo de separação é de sofrimento. Alguns tentam negá-la a partir da forte identificação e da vivência de intersubstituição, ou melhor dizendo, da possibilidade imaginária de trazer dentro de si o outro gêmeo (o seu duplo):

*"...mais en fin de compte on n'a pas l'impression d'être séparés. C'était pénible de temps en temps ... mais je m'affirmais que nous n'étions pas séparés... comme si étant avec moi j'étais avec lui" (1960, p. 582).*

Um aspecto não sistematicamente estudado mas apontado por Zazzo é a atitude parental com os gêmeos. Inicialmente reações de inquietude. Depois, de orgulho. De alguma forma, a valorização concedida ao nascimento de gêmeos reflete na autoestima parental, nos sentimentos de onipotência. O comportamento básico dos pais se apresentará ambivalente, contraditório. Por um lado tentando garantir a continuidade de tal reforço narcísico, acentuarão as semelhanças entre os gêmeos, enfatizarão a unidade da dupla. Por outro, marcarão as

diferenças, pela necessidade reconhecida de que cada um possua a própria identidade.

No que diz respeito à experiência na clínica analítica, é característica a busca no analista do outro gêmeo, o duplo, para restabelecer a completude outrora vivida. "Temos de nos separar... nós não formamos um verdadeiro casal" é a fala de uma paciente, gêmea univitelina, a respeito da relação entre ela e seu marido. De que verdadeiro casal estaria ela falando? Numa procura interminável, de um outro imaginário, capaz de lhe servir de complemento, a outra metade, tenta recuperar sua unidade, a da primitiva relação gemelar. Assim também na relação analítica o que se coloca em jogo é a relação fraternal, gemelar, reedição de um estado primitivo.

Mas é ainda no mito de Narciso, em suas diversas versões, onde encontram-se bem representadas as variadas relações a que a situação da gemelaridade remete: o espelhamento, a duplicidade, o amor narcísico.

Três parecem ser as interpretações mais conhecidas, segundo o Dicionário de Mitologia Grega e Romana. Os elementos fundamentais do mito são os transcritos a seguir.

Em Tespias nasceu um menino, filho de Céfiso, Deus do rio, e da ninfa Liríope. A partir de sua adolescência, sua beleza extraordinária o fez ser amado por numerosos jovens e moças. Mas seu orgulho o fez a todos desprezar. Seu desdém

provocou o suicídio de seu amante Aminias (segundo Conon) ou o desaparecimento da ninfa Echo (segundo Ovídio). A vingança do Deus do Amor se concretiza quando depois de uma caçada, num dia muito quente, Narciso encontra uma fonte. Ao debruçar-se para beber água, percebe sua própria imagem refletida e apaixona-se imediatamente pelo reflexo na água. Descuida-se de tudo o mais e permanece imóvel na contemplação ininterrupta de sua face. Entretanto se consome de tristeza por não poder tocar o objeto de seu amor, morrendo às margens da fonte. No lugar de seu corpo, foi achada uma flor a que se deu o nome narciso.

O mito de Narciso: traduz-se o enamoramento por si mesmo. Fixado no reflexo, admira-se e assim mostra-se aprisionado em sua própria beleza, em sua própria imagem. Tal aprisionamento levou-o à morte.

Os gêmeos univitelinos, enquanto duplos idênticos, podem personificar o mito de Narciso. Cada um se converterá na imagem "viva" refletida do outro ou como Zazzo (1960) mencionou na alucinação do outro. Permanecer ligado no jogo narcísico do espelhamento pode ser o destino (como o foi para Narciso). Mas é aí que se corre o risco da alienação, da falsa existência.

Os gêmeos e a sua singular história narcísica. Esse é o tema que nos inquieta mas também, sem dúvida, nos seduz.

**CAPITULO II****A ABORDAGEM FREUDIANA DO NARCISISMO**

Das questões principais do ser humano, talvez uma das mais fundamentais, a condição gemelar particularmente revela: a duplicidade.

Podemos ver isso indicando claramente por Brusset:

*"Les jumeaux donnent une expression éloquente de la nature fondamentalement double de l'être, de la réflexivité essentielle du sujet, du rapport sujet-Moi, du rapport "je-tu", et, à tous les niveaux, du clivage du sujet" (1987, p. 15).*

Ser gêmeo é ser duplo.

Ser humano é ser duplo por natureza.

Mas como pensar tal afirmativa? Possivelmente a situação de sua origem parecia ser o determinante de tal condição. Ela indica a dependência constitutiva. O homem ao nascer encontra-se numa situação de grande imaturidade, tanto física quanto psicológica, que o destina à dependência e mesmo à simbiose. A presença de um outro que o alimente e o proteja, enfim que satisfaça suas necessidades, é imperativa para sua existência. Também nesse momento ainda não se experimenta como uma unidade delimitada, como um si mesmo diferenciado. Inicialmente o que há é uma existência dual. Somente depois será possível a vivência do eu e do outro separados, discriminados.

Nesse plano das relações primitivas encontramos a situação narcísica.

O narcisismo estaria situado na fronteira do que fusiona e do que diferencia, ou como nos diz Godino: "...en otras palabras, el narcisismo está situado en ese intersticio que une y a la par separa al hijo de sus progenitores." (1980, p. 29).

Freud já havia assinalado, em seu artigo de 1914, a importância do investimento narcísico parental no desenvolvimento psicológico da criança:

*"Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram... a supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcísista no caso da escolha objetal, domina sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho... e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele... sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados... a criança será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - "Sua majestade o bebê", como outrora nós mesmos nos imaginávamos... a criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram..." (p. 107/108, v.XIV).*

O narcisismo é um dos eixos da estruturação e organização do psiquismo e será a partir de seu estudo que nos encontraremos com a questão do duplo.

Apesar de anteriormente algumas colocações sobre o tema já terem sido realizadas, Freud apresenta em 1914 o conceito de narcisismo de maneira mais bem integrada ao conjunto de sua teoria psicanalítica.

Modificando sua concepção anterior da Teoria da libido, o dualismo pulsional, passa a caracterizar, com a introdução do conceito de narcisismo, um monismo pulsional, diferenciando aí dentro duas modalidades de investimento libidinal, uma libido do ego ou narcísica e uma libido objetal. As pulsões de autoconservação, na primeira Teoria da libido, atribuídas ao ego, dentro dessa nova perspectiva poderão ser reconhecidas no amor de si mesmo, na libido do ego. Na libido do ego ou narcísica a energia sexual se encontra investida no próprio ego, ele é tomado como objeto; na libido objetal o alvo é um objeto "exterior". Mais adiante retomaremos essas noções.

Inicialmente o narcisismo é visto como uma fase intermediária, necessária, entre o autoerotismo e o amor objetal, para posteriormente, ao reconhecer a permanência do investimento libidinal do ego, também entendê-lo como uma posição jamais abandonada completamente.

Será pelo caráter da relação de objeto que a diferença se institui.

Tanto no autoerotismo quanto no narcisismo o indivíduo toma a si mesmo, ao seu próprio corpo, como objeto de amor.

No período precoce infantil autoerótico não há alusão a uma imagem integrada do próprio corpo, as pulsões alcançam prazer parcialmente sem qualquer referência a cada uma das outras, de modo anárquico. Mas no narcisismo o que vemos em contrapartida é a existência de uma unidade corporal, o ego como objeto aglutinador e para o qual convergem as pulsões sexuais.

A vivência narcísica se correlaciona à formação do ego.

Bleichmar (1985) nos conduziu também a essa idéia:

*Se o objeto da pulsão existe até mesmo antes de uma representação do sujeito, se a zona erógena na fase autoerótica ainda não está coordenada na imagem de um ego unificado, e isso permitiu falar de pulsão parcial e de objeto dessa, no caso dos objetos da atividade narcísista esses são... desde o começo correlativos da representação unificada, isto é, o ego." (p. 31).*

Essa já era claramente a idéia de Freud (1914):

*"...uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo." (P.93, Vol. XIV)*

Poderíamos entender essa nova ação como a da estruturação egóica.

Durante o desenvolvimento do indivíduo, pela unificação das pulsões sexuais o ego irá se apresentar como um objeto a ser amado. Numa primeira tentativa de buscar um objeto de amor toma seu próprio corpo, agora como totalidade, como objeto sexual.

A correlação ego-corpo-narcisismo ficará ainda mais evidenciada em *O ego e O id* (1923) quando Freud diz ser o ego uma parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, pelo sistema perceptual consciência, concluindo que o ego é antes de tudo uma instância corporal.

"O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas ele próprio, a projeção de uma superfície" (1923, p.40).

"Isto é, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, ... representar as superfícies do aparelho mental" (1923, p.40).

Dessas colocações gostaríamos de sublinhar que na relação de apropriação do corpo real, percepção e também representação formam a dupla para a constituição do ego. A representação é realizada a partir dessa concepção. Cria-se uma imagem que irá corresponder ao ego.

A unidade física é percebida e experimentada ao mesmo tempo que a unidade psíquica se institui por projeção, por reflexo.

Mas esse corpo, num primeiro instante ainda não integrado, não pertence à criança mas a um outro, que sobre ele age, investindo-o de cuidados.

"La geografía narcisista se caracteriza por la presencia de dos relieves básicos: es la madre y es el niño. Es una geografía que a psicoanálisis conoce como diada (o célula narcisista) habiendo sido despejada por Freud en los textos mayores del Edipo. Estos relieves presentan una particular conexión... la indefensión y larga dependencia infantil del humano - en el decir de Freud - constituye la característica más saliente de uno de estos relieves, lo que impone una cierta exigencia al otro relieve básico.



*Al final, la madre no puede ser indiferente a las necesidades del hijo siendo que éste es una particular realización de su deseo. Es así como la madre se ve obligada a tomar en cuenta esa necesidad ... En términos generales, lo que suele acontecer es que la madre se sitúa en posición complementaria asumiendo la función de suplir la indefensión infantil" (Cabas, 1980, p. 50).*

Inicialmente há uma integração de total dependência com a figura materna, uma verdadeira unidade dual (Mahler, 1977), "um estado de entranhamento máximo, com indiferenciação e confusão", diriam Prado e outros (1978, p. 117). Ela, a mãe, é a causa da existência dessa criança. A conquista da autonomia se dará por relação ao que esta figura puder lhe "indicar" sobre si mesmo. A criança necessita desse outro para a aquisição das representações de si mesmo.

*"J'ai considéré ce phénomène comme une expérience de miroir (mirroring experience) ... l'investissement libidinal de la part de la mère en ce qui concerne l'enfant, et voyant quelque chose de nécessaire à la survie du nourrisson et à son développement ultérieur... souligner la qualité de miroir de cette capacité, chez le nourrisson, de réponse sensorielle à l'attachement libidinal de la mère. Cette fonction de miroir ne doit pas être comprise en termes de perception visuelle; il s'agit d'une réflexion au travers du toucher, de l'odorat e d'autres sensations primitives.*

*Ce qui émerge confusément dans ce miroir, au début au moins, n'est pas un objet d'amour primaire, mais ces contours de la propre image de l'enfant en tant qu'elle est réfléchié par les besoins inconscients de la mère concernant l'enfant" (Lichtenstein, 1964, p. 154).*

Essas afirmações nos levam a confirmar a relação de imagem, especular mesmo, encontrada na formação do ego.

Laplanche e Pontalis se referem a esta questão da seguinte forma:

"...a unidade psíquica ... é precipitada por uma determinada imagem que o indivíduo adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego. O narcisismo seria a captação amorosa do indivíduo por essa imagem." (1977, p. 366-367)

Do interesse sensual pelo próprio corpo, por sua imagem, se iniciará uma busca por um objetivo exterior.

Poderíamos precisar quando seria esse movimento? Freud responde que "essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade" (1914, p. 101).

Segundo Mezan (1982) o que Freud está propondo como solução diz respeito ao que já havia sido levantado no *Projeto* de 1895 - partes 1 e 8 (Freud - 1950) e que posteriormente será mais elaborado em seu outro artigo *Os instintos e suas Vicissitudes* (1915) e se refere às correlações entre graus de tensão e prazer-desprazer.

No *Projeto* enuncia o princípio da constância que seria a tendência do aparelho psíquico a se desfazer de um Q de excitação, proveniente do meio externo e também do meio interno (próprio organismo), que vai se complexificando de acordo com a recepção dos estímulos.

Quanto aos estímulos ambientais a esquiva pode ser o procedimento para se defender e assim continuar a manter

constante o nível de excitação, mas com relação aos estímulos internos (à excitação interna) não há possibilidade de evasiva, a cessação e o retorno ao equilíbrio só acontecerão "mediante certas condições que precisam realizar-se no mundo externo" (Freud, 1950, p. 397), uma ação específica, na direção da motilidade, precisa ser realizada.

Associada a estas variações de excitação, pela recepção de estímulos, encontramos uma série de sensações de prazer e desprazer.

No seu texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) Freud retoma as questões do princípio da constância e reafirma que os estímulos originados do mundo interno exigiriam atividades mais complexas no sentido de alcançar satisfação, sendo então considerados, os instintos, as verdadeiras forças motoras para o desenvolvimento do indivíduo.

Mas será na compreensão das 3 polaridades do funcionamento da vida mental, e na postulação de um ego prazer e um ego realidade, que fica mais esclarecida a passagem do narcisismo ao amor objetal:

*"Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo... Nessa ocasião, o mundo externo não é catexizado com interesse (num sentido geral), sendo indiferente aos propósitos de satisfação..."* (1915, p. 156/157).

*"Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas, em consequência das experiências sofridas pelos instintos de auto preservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos."*

*Sob o domínio do princípio do prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior do ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio; ... e, por outro lado, expõe o que quer dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer" (1915, p. 157).*

*"Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetual, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da "atração" exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que "amamos" esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego..." (1915, p. 158).*

Num primeiro momento, há um ego-realidade onde o indivíduo (o ego) coincide com o que é agradável e o mundo com o que é indiferente. Essa parece ser a condição narcísica primordial, na medida em que por um "critério objetivo", onde as sensações de prazer e desprazer ficam referidas estritamente ao indivíduo, não é levado em consideração o mundo exterior, e o ego "ama" a si mesmo como fonte de prazer.

No segundo momento, há um ego-prazer em que o indivíduo se identifica com o que é agradável e identifica o meio com o que é desagradável. Em consequência do confronto do ego com as experiências do meio e as estimulações internas, que se apresentam tanto agradáveis como desagradáveis, o ego pretende fazer prevalecer o prazer acima de tudo, e pelo processo de cisão, se constitui como um "ego de prazer purificado". Dessa forma, dá-se a manutenção da situação narcísica inicial.

Com o aumento da estimulação interna, o ego se volta para o mundo exterior, procurando meios de satisfação. Entretanto é só com a unificação das pulsões parciais, e também a experiência de objetos totais, que se estabelecem as relações de prazer e desprazer entre o ego e os objetos (mundo), as "verdadeiras" relações de amor e ódio.

Funda-se o amor objetal. Os objetos "exteriores" são agora investidos de libido. A libido que, anteriormente, era direcionada ao ego, portanto narcísica, passa a ser lançada aos objetos na busca de prazer, logo libido objetal.

O que podemos observar a princípio é a transformação de libido narcísica em libido objetal. Mas Freud jamais deixou de afirmar a continuidade da libido narcísica. Realmente podemos observar a existência desta, paralelamente, mesmo diante dos investimentos de objeto. Green (1983) explicita muito bem esse pensamento de Freud:

*"S'il a abondamment insisté sur la possibilité d'une conversion dans les échanges entre libido narcissique et libido d'objet, il n'en a pas moins soutenu la pérennité d'une organisation narcissique qui ne disparaît jamais. La libido investit le moi et se donne de cette façon un objet d'amour, ce processus pouvant s'observer toute la vie durant" (p. 98).*

Rosolato também faz afirmação nesse sentido: *"Le narcissisme est une organisation psychique qui fonctionne non seulement en opposition avec la relation d'objet mais parallèlement ou conjointement avec elle" (1976, p. 33).*

Um investimento narcísico inicial que persiste e que

mesmo uma vez enviado aos objetos (libido objetal) pode retornar sobre o próprio indivíduo, recolocando o ego novamente como objeto de amor, de prazer.

Para tornar claro seu pensamento, Freud fez uso de uma analogia tirada da zoologia:

*"...formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodos que produz ... tudo que observamos foram emanções dessa libido - as catexias objetais, que podem ser transmitidas e retiradas novamente" (1914, p.92).*

*"Comparamos a emissão dessas protusões (pseudópodos), portanto, à emissão de libido em direção aos objetos enquanto a massa principal de libido pode permanecer no ego; e suponemos que, em circunstâncias normais, a libido do ego pode ser transformada, sem impedimento, em libido objetal, e que esta pode novamente ser devolvida ao ego" (1916, p. 486).*

Assim a libido do ego ou narcísica e libido objetal estarão em estreita interrelação, e Freud (1914) proporá uma troca energética entre o ego e os objetos, de forma a compor um verdadeiro equilíbrio compensatório de investimentos, revelando *"uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal ... quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia" (p. 92).*

No centro de tais questões, estão os conceitos de narcisismo primário e narcisismo secundário, que podem ampliar o entendimento da distribuição e mobilidade da libido.

As observações de Freud quanto às psicoses levaram-no a

alcançar uma formulação conceitual inicial. Para isso tomou como base as idéias de Abraham sobre a demência precoce, que entendia a ausência da catexia libidinal dos objetos como tendo sido recolhida para o interior do próprio ego do indivíduo. Freud (1914) correlacionou essa situação a uma atitude narcísica, nos termos de Nacke, e a supôs como um retorno a uma condição existente anteriormente, a um estado original vivenciado pelo ser humano, como um fato mais geral, e presente no desenvolvimento humano normal. Essa é a proposição de Freud:

*"O que acontece à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia? A megalomania característica desses estados aponta o caminho ... a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais, como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes" (1914, p. 91).*

O conceito de narcisismo encontra-se em estreita correlação com o conceito de ego. Podemos encontrar uma variação na sua formulação de acordo com o desenvolvimento da topologia freudiana. Num primeiro momento (1914) encontramos um ego que se institui com a unificação das pulsões, para depois vermos Freud (1923) considerar o ego como existindo desde o nascimento sob forma rudimentar. Essa alteração estrutural conduzirá a um novo posicionamento quanto à vivência narcísica. O que irá ser desvelado com a segunda tópica é um estado narcísico primário, anterior à constituição do ego.

Já claramente proposto na *Conferência XXVI* (1916) e

arrematado com o momento de origem da estrutura egóica em o *Ego e o Id* (1923), define-se a existência de um estado primário absoluto de investimento narcísico que teria como modelo a vida intra-uterina. O representante mais perfeito desse estado seria o sono.

Fica estabelecida uma comparação do retorno às origens da vida, portanto de condições tais como o descanso, o calor e a ausência de estímulos, como o sono, do qual dirá Green (1983) "*...l'entrée dans le sommeil ne peut avoir lieu qu'au prix de l'abandon des liens, des biens, des possessions du Moi, qui replie sur lui ses investissements*" (p. 83).

O protótipo da vida intra-uterina parece pressupor uma indiferenciação entre o sujeito e o mundo e portanto, sob esse ponto de vista, não existiria possibilidade de relação de objeto.

Concordando com Laplanche e Pontalis (1977) essa condição, de imediato, entra em choque com o caráter especular, central, do narcisismo (a referência a uma imagem de si mesmo dada pela relação com o outro).

Além disso autores, como M. Klein (1982), já fizeram críticas a essa hipótese anobjetal inicial afirmando a existência evidente de relações objetais primitivas.



Vale também como Rosolato (1976) perguntar sobre a necessidade de se considerar como indistinto o período anterior à formação de uma representação de self pelo sujeito, critério objetivo para reconhecimento do narcisismo secundário.

Toda essa controvérsia quanto ao narcisismo primário encontra-se referida primeiramente à preocupação de Freud em afirmar a importância da existência de um estado narcísico nos primórdios do desenvolvimento humano como uma condição a partir da qual se evolui.

Entretanto talvez devamos entender essa perspectiva - abolição das tensões, um retorno às origens - mais como uma situação fantasmática original.

A Psicanálise entende a vida intra-uterina como uma das protofantasias primitivas, como uma estrutura fantasmática típica, que organiza o mundo interno (vida fantasmática) independente das experiências pessoais. Todavia como vivência universal, eixo condutor, as protofantasias permitem a possibilidade da diferença a partir das fantasias individuais.

A definição apresentada por Laplanche e Pontalis (1977) oferece subsídios para superar a controvérsia: o narcisismo primário corresponde a "*um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma*" e o narcisismo secundário "*um retorno ao ego, da libido retirada dos seus investimentos objetais*" (1977, p. 368).

Na evolução emocional do homem podemos verificar uma passagem do estado narcísico para a relação objetal, o que exige uma escolha de objeto. O tipo dessa escolha apresentar-se-á referido aos objetos de amor inicialmente experimentados. De acordo com Freud (1914) "*todo ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele*", o que pressupõe a existência de escolhas do tipo narcisista ou do tipo anaclítico. Se a libido narcísica tem caráter permanente, se não há um desaparecimento do narcisismo, ambos os tipos de escolha estão presentes no indivíduo, podendo manifestar-se uma prevalência de algum deles.

Portanto, para Freud (1914), "*uma pessoa pode amar:*

- 1) *Em conformidade com o tipo narcisista:*
  - a) *o que ela própria é (isto é, ela mesma);*
  - b) *o que ela própria foi;*
  - c) *o que ela própria gostaria de ser;*
  - d) *alguém que foi uma vez parte dela mesma.*
  
- 2) *Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):*
  - a) *a mulher que alimenta;*
  - b) *o homem que a protege;*  
*e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar" (p. 107).*

As relações entre o amor objetal e o narcisismo encontram-se orientando a auto-estima do indivíduo.

Sabemos que uma quota de libido narcísica sempre persiste e podemos entender isso também como a possibilidade de preservação e manutenção do funcionamento egóico e da auto-estima. A definição funcional do narcisismo proposta por

Stolorow contribui para esse entendimento: "*A atividade mental é narcísica no grau em que sua função é a de manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afetiva positiva da representação do self*" (1983, p. 22).

O próprio Freud já havia feito várias indicações quanto a esse aspecto em seus artigos sobre narcisismo (1914/1916) quando trabalhava traçando as correlações entre os processos normais, neuróticos e psicóticos e o narcisismo.

Tanto no sentido de um transbordamento da libido na direção dos objetos quanto numa retirada total da catexia objetual para o aparelho egóico encontramos características patológicas na distribuição da libido, na atividade egóica e na regulação da auto-estima.

Diante dessas colocações, que consideram os caminhos da libido narcísica, cumpre examinar a formação de um ideal do ego e de um ego ideal.

Essas expressões surgiram no artigo *Sobre o narcisismo* (1914) e Freud usou-as indiferentemente. Ambas estas formações psíquicas possuem íntima ligação com o narcisismo infantil. Gradativamente com a caracterização do superego, estreita-se sua correlação com o ideal do ego, ficando o ego ideal como uma formação psíquica de caráter basicamente fantasmático, inconsciente.

O ego ideal apresenta-se como um "*ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil*" (Laplanche e Pontalis, 1976, p. 190).

Referido a um estado narcísico primitivo, pleno de poder, perfeição e autosuficiência, o ego ideal disso é o reflexo. Parte da libido narcísica construiu esse ideal e sempre o estará investindo na tentativa de um retorno a tal estado.

O ideal do ego é uma *"instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos.. constitui um modelo a que o indivíduo procura conformar-se"* (Laplanche e Pontalis, 1976, p. 289).

Manter inalterada a experiência infantil da satisfação narcísica faz-se impossível. Frequentemente lutas se estabelecem entre os impulsos libidinais e as restrições morais, sociais e culturais. O conflito entre esses dois fatores leva a um repressão.

O indivíduo na tentativa de não abdicar de sua onipotência infantil (sua autosuficiência), a recria sob a forma de um ideal, o ideal do ego.

Nas palavras de Freud:

*"Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância... e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal... o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal"* (1914, p. 111).

Esse é então objeto do amor de si mesmo. O ego constitui um ideal, e por amor a ele, reprime.

Os pais durante os primeiros momentos da infância cumprem o papel de propiciar à criança a fantasia da plenitude narcísica, da autosuficiência. Ao mesmo tempo, essencialmente através de sua crítica sobre as atitudes da criança, da educação, eles são os responsáveis pelos caminhos tomados pelo narcisismo, pela formação de um ideal do ego.

O que se pode mencionar aqui é a relação entre o narcisismo e a identificação onde o interjogo entre o ego e o objeto está presente.

A identificação é a forma mais primitiva e original do vínculo emocional e encontra-se ligada à organização e ao desenvolvimento da estrutura psíquica do indivíduo. Segundo o modelo dos antigos objetos de investimento realiza-se a construção do ego.

É interessante observar que no primeiro momento da identificação - o laço afetivo entre a criança e a mãe - parece não existir uma clara diferenciação entre os dois indivíduos, ou mais precisamente entre ego e objeto de investimento e de identificação. Jacobson irá sugerir que inicialmente as identificações podem ter uma característica mágica e de indiscriminação:

*"...as primeiras identificações são de natureza mágica e conduzem a fantasias ou crenças temporárias de que o sujeito está fusionando com ou convertido no objeto amado sem ter em conta a realidade" (Jacobson, E, cit por Grinberg, 1978, p. 114).*

A essa identificação primária tem referência a relação de incorporação oral. Gradativamente se instala a diferença e a separação e um novo tipo de identificação se produz. Freud estabelece a discriminação da maneira que se segue:

*"...primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego, e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é o objeto da pulsão sexual" (1921, p. 136).*

Enquanto não há discriminação a identificação é o próprio modo de relação com o objeto. A cada diferença corresponde uma perda, o que conduzirá o ego a tentar reconstruir as características perdidas desse objeto dentro de si mesmo. Nesse sentido, diz Freud, é que *"...a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo..." (1921, p. 134).*

Será nesse processo de identificação, nessa infinita reconstrução, que o ego se transforma e se constrói.

Somos levados a pensar que as figuras parentais apresentam um modelo ao ego infantil, propondo-lhe nova forma. Esse modelo servirá de referência ao ego para avaliar as suas realizações. Quanto mais próximas, mais coincidentes, as realizações efetivas do ego atual se encontram do ideal procurado, assegurada está a satisfação narcísica e maior é o crescimento da auto-estima. Se ao contrário, encontraremos uma diminuição da auto-estima, e a produção de ferida narcísica.

Mencionamos o julgamento que se realiza constantemente sobre o ego comparando-o e pressionando-o, no sentido de atingir o ideal, a satisfação narcísica.

Freud propõe em seu artigo *Sobre o Narcisismo* (1914) uma diferenciação entre uma instância ideal, o modelo - o ideal do ego - e outra instância especial crítica, censora e auto-observadora - o superego (posteriormente nomeado em 1923) - que efetua as comparações. Assim descreve a existência desse censor:

*"... encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal" (1914, p.112).*

Embora Freud oscile, em outros artigos, quanto à demarcação entre estas duas instâncias, originadas do próprio ego, gostaríamos de optar por um uso diferenciado, conforme vimos descrevendo, apesar de reconhecermos sua íntima ligação.

Na constatação de partes que se diferenciam, se separam, do próprio ego e que a ele fazem oposições, Freud (1919) tece considerações à temática do duplo.

Em suas colocações nota-se o encontro com as idéias de Otto Rank, inclusive citado por ele.

Este autor realizando um estudo aprofundado, delineou as origens das crenças e do mistério em torno do duplo.

Percorrendo as concepções do homem primitivo quanto ao significado da "sombra", do "reflexo" e da identidade simbólica que se estabelece com a alma humana, Rank (1939) apontou a relação entre o duplo e a ameaça constante da morte. Crer numa alma, um duplo semelhante ao indivíduo, se vincularia intimamente à tentativa de garantir a imortalidade. Esse parece ter sempre sido o desejo do homem: superar o medo e resistir à morte.

Freud (1919), acompanhando as idéias, menciona que o tema do duplo encontra-se relacionado ao amor próprio sem limites, resquícios do narcisismo primário infantil.

A superação desse momento do narcisismo primário é correlata da transformação de parte desse narcisismo na construção de uma instância observadora e crítica do próprio ego. A divisão egóica assinala a duplicidade no seio da personalidade, duplicidade essa referida ao antigo narcisismo. Essa divisão, diz Freud, encontra-se correlacionada ao que é rejeitado pelo ego e se torna inconsciente e reprimido. Seguindo, finalmente, a direção do inconsciente e do reprimido acaba-se por atingir a compreensão das relações existentes entre os temas do duplo e da estranheza.

Gradativamente Freud (1919) vai assinalando aquilo que interliga todas estas idéias: a repetição. Processo característico do inconsciente - compulsão a repetição - que concede aos impulsos que retornam a qualidade de estranho.

*"... todo afeto pertencente a um impulso emocional, ... transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que torna.*



*Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho... esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão" (1919, p. 300/301).*

O que é conhecido e retorna como estranho pertence a um determinado período do desenvolvimento infantil, e se refere aos complexos infantis reprimidos.

O duplo encontra-se nessa categoria, vinculado a um estágio mental primitivo. Conforme foi mencionado trata-se do momento do narcisismo primário quando pouca diferenciação havia entre o ego infantil e o mundo externo. A superação do narcisismo é paralela a um processo de discriminação e algo se "perde". O desejo de resistir ao que se "perde" pode levar a duplicação, a divisão e substituição do próprio eu. Talvez aí esteja o sentido da inversão da função do duplo. Depois de assegurar a continuação do que se "perde" também se apresenta como indicador de "perda".

### CAPITULO III

#### AS TRANSFORMAÇÕES DO NARCISISMO - H. KOHUT

H. Kohut se apresenta como um dos autores mais modernos que escreveu e propôs transformações acerca do conceito de narcisismo.

Preocupado em obter entendimento sobre as dificuldades encontradas na sua prática clínica, cada vez mais via crescer divergências quanto à interpretação das situações clínicas a partir, unicamente, do modelo metapsicológico tradicional.

Da concepção clássica de Freud, que ele aceitou em grande parte, percorreu outros caminhos, chegando mesmo a ultrapassá-la, distanciando-se com a postulação de novas formulações. Mas não houve abandono, e sim acréscimo:

*"... la explicacion de la psicologia profunda de los fenómenos psicológicos en la salud y la enfermedad requieren dos enfoques complementarios: el de una psicologia del conflicto y el de una psicologia del sí-mismo"*  
(Kohut, 1980, p67)

A Psicologia Psicanalítica do Self foi assim criada e desenvolvida como uma abordagem adicional.<sup>3</sup>

Ainda que complementar, na verdade, a partir de diferentes modos de percepção da experiência analítica, parece ter sido realizado um deslocamento de enfoque quanto às causas da

---

<sup>3</sup> Aqui o conceito de self relaciona-se ao de Hartmann (1969). Portanto iremos considerar o self como a pessoa total de um indivíduo, incluindo seu corpo e as partes do corpo, a organização psíquica e suas partes.

psicopatologia. Dessa forma descreve Kohut:

*"... todas as formas de psicopatologia baseiam-se quer em defeitos na estrutura do Self, em distorções do Self, quer na fraqueza do Self ... todas essas falhas no Self são devidas a distúrbios dos relacionamentos self/self-objetos ocorridos na infância... salientando o contraste entre a teoria psicológica do self e a teoria tradicional, a psicologia do self sustenta que os conflitos patógenos no domínio objetal-instintivo - isto é, conflitos patógenos no campo do amor e do ódio objetais e em, particular, o conjunto de conflitos chamado complexo edipiano - não são a causa primária da psicopatologia, mas sim o seu resultado" (1989, p. 74).*

A ênfase na abordagem parece mudar da experiência pulsional para a experiência da relação entre self/self objetos, da fixação dos impulsos instintuais para perturbação das respostas empáticas. Assim um self infantil que vivência um contato empático dessintonizado, deficiente, dos genitores, se encontrará desestruturado e enfraquecido, e buscará, pela estimulação de suas zonas erógenas, o prazer não alcançado na esfera do reconhecimento, da auto-afirmação. A essa questão retornaremos mais adiante.

A diferença conceitual entre self e ego estabelecida por Hartmann é de grande importância para os trabalhos de Kohut.

Reexaminando aspectos do narcisismo descritos por Freud (1914, 1916, 1923) Hartmann aponta uma referência deste à equivalência entre narcisismo e catexia libidinal do ego mas também como catexia da pessoa, do corpo ou do self. Esta certa

imprecisão terminológica traz algumas implicações que levam à percepção de íntima correlação entre self e ego, e à definição e aos limites do conceito de self.

*"Mas en realidad, al usar el término narcisismo, dos diferentes series de opuestos parecen a menudo estar fundidas en uno. Una se refiere al simismo (a nuestra propia persona) en contraste con el objeto; la segunda al yo (como sistema psíquico), contraponiéndolo a otras subestructuras de la personalidad. No obstante, lo opuesto a la catexia de objeto no es la catexia del yo, sino la catexia de la propia persona, es decir, la catexia del sí-mismo;... por eso debe ponerse en claro si definimos el narcisismo como la catexia libidinal no del yo, sino del sí-mismo" (1969, p. 118-119).*

Esta apresentação feita por Hartmann, o ego como um sistema psíquico e o self como a própria pessoa, indica a diferença que Kohut introduzirá em sua teoria.

Assim como o Id e o Superego, o Ego é construção teórica, de caráter altamente abstrato, e por isso com distanciamento da experiência. O Ego é uma das instâncias psíquicas que compõe o aparelho psíquico do homem. Como todo aparelho, possui um conjunto de mecanismos e finalidades, e o Ego, por sua vez, ocupando um lugar dentro da mente, compreenderá uma série de funções.

O self é aquilo que emerge na experiência, como um conteúdo do aparelho mental. Pode-se pensá-lo como uma representação, ou melhor, como um grupo de representações. Segundo Kohut *"as configurações psíquicas que chamamos de self são, com sabemos, a representação da mente e do corpo, das funções mentais e físicas" (1968, p. 53).*

Estas representações encontram-se catexizadas instintivamente e apresentam-se espacial e temporalmente estáveis e contínuas. O self não possui uma localização psíquica específica; suas representações, inconscientes, pré-conscientes e conscientes, espalham-se por todo o aparelho mental - id, ego e superego. O self, portanto, não é uma instância mental, mas um conteúdo do aparelho psíquico.

Dessa diferenciação pode-se observar a permanente relação e interdependência entre o self e o ego no sentido de uma experiência subjetiva e de um funcionamento objetivo.

Para Kohut (1988), seguindo então Hartmann, o narcisismo é a catexia do self e corresponde à metade dos conteúdos da mente humana. A outra parte refere-se aos objetos. Uma dupla linha de desenvolvimento aí se evidencia: o narcisismo investindo o self e os self-objetos, e as relações de objeto propriamente ditas.

As ligações e as correlações feitas por Kohut entre o narcisismo e as relações objetais demandam uma apreciação. A máxima "*a antítese do narcisismo não é a relação objetal, mas o amor objetal*" (1966, p. 103) encerra a perspectiva de uma compatibilidade quanto a experiências narcísicas relacionadas a objetos.

Nas relações objetais, os objetos podem estar sendo experimentados como separados e autônomos, ou experimentados

narcísicamente, no sentido da manutenção de um equilíbrio narcísico ou vivenciados como parte do self, como self-objetos.

Nessa orientação Kohut propõe, conceitualmente, que o narcisismo possui uma linha independente de desenvolvimento, iniciando-se num momento arcaico e prosseguindo até estágios mais maduros. O amor objetal também teria seu desenvolvimento passando por características próprias transicionais. Apesar de linhas independentes de crescimento, o investimento narcísico e o amor objetal tendem a se mesclar nas relações.

O conceito de narcisismo primário se mostra importante para o entendimento da evolução do narcisismo. Refere-se ao estado psicológico do bebê nos momentos primitivos de seu desenvolvimento onde sua experiência é de indiferenciação, é da vivência de um *continuum* entre si mesmo e o outro que lhe concede cuidados. Como diria mesmo Kohut:

*"... originalmente, vivencia a mãe e os cuidados que esta lhe dispensa não como um "tu" que pratica ações, mas dentro de uma visão do mundo em que a diferenciação "EU-TU" ainda não se estabeleceu" (1988, p. 103).*

Ainda que este narcisismo primário possa conservar-se pelo decurso da vida como um tônus narcísico básico, Kohut dá grande atenção para duas outras formas que pressupõe serem variações diferenciadas a partir dele: o self narcísico e a imago parental idealizada.

São formas arcaicas do narcisismo, configurações infantis que participarão do desenvolvimento progressivo da psique, como precursoras de estruturas psicológicas.

A maneira como essas configurações infantis se diferenciam e, posteriormente, como sua transformação se realiza estão em íntima correlação com as transações entre o self e os self-objetos no começo da vida, e leva à construção de um self sadio.

Kohut irá apontar como fundamental a experiência de um meio ambiente ótimo (um meio ambiente ótimo também é aquele capaz de frustrar) para tal desenvolvimento. Isto refere-se a uma ressonância empática das figuras parentais às necessidades da criança, ao modo como esta criança foi vivenciada e escutada durante sua infância precoce. As respostas empáticas revelam a possibilidade destes pais, enquanto self-objetos, tornarem-se parte da matriz narcísica do indivíduo, necessidade infantil básica.

Todo esse processo, vemos Kohut (1989 - 1984) descrevê-lo de forma sucinta mas introduzindo um conceito essencial e revelador para a estruturação psicológica:

*"Quais são os processos self/objeto do self saudáveis que constroem o self sadio? Vê-mo-los ocorrer em duas etapas. Primeiro uma sintonia básica deve existir entre o self e seus objetos do self. Segundo, fracassos self-objetais (e.g. reações baseadas em empatia deficiente) de grau não traumático devem ocorrer. Referimo-nos aos resultados de tais fracassos por parte dos objetos do self de infância como "frustrações ótimas".*

*Esta seqüência de duas etapas de eventos psicológicos no começo da vida, a ocorrer em incontáveis repetições, tem duas importantes conseqüências: (1) ocasiona a formação estrutural por via de um processo a que dei o nome de INTERNALIZAÇÃO TRANSMUTADORA, e (2) prepara o terreno para uma mudança nas relações self/objeto do self que é de grande importância, qual seja, uma mudança gradual de apoiar-se o self, para sua nutrição, em modos arcaicos de contato na esfera narcísica... para sua capacidade de ser apoiado, a maior parte do tempo, pela ressonância empática que emana dos objetos do self da vida adulta" (1989, p. 92).*

Esse processo - internalização transmutadora - se encontra relacionando à retirada das catexias instintivo-objetais e narcísicas das imagos objetais e apresenta alguns aspectos peculiares para seu cumprimento.

Em primeiro lugar a psique do indivíduo deveria ter atingido um nível maturacional capaz de realizar introjeções. Segundamente, a retirada das catexias precisa se efetivar gradativamente, ou de maneira fragmentada, o que Kohut, por correlação, expressa pelo termo frustração ideal. As decepções e desidealizações são vivenciadas pela criança lentamente, aspecto após aspecto, e internalizadas. Juntamente com essa fragmentação durante a internalização efetiva há *"uma despersonalização dos aspectos introjetados da imagem do objeto"* (1989). A característica ou qualidade, em processo de introjeção, perde a referência ao objeto e adquire "valor" de função. A estrutura interna que se constitui desempenhará, com relativa autonomia, as funções anteriormente daquele objeto.



Essa perspectiva parece compreender traços importantes da teoria de Kohut no que diz respeito ao papel do objeto externo na estruturação do psiquismo. Utilizando Sauberman, Figueira qualifica a Psicologia de Kohut como "Psicologia da Falta" e traduz o processo de internalização transmutadora:

*"A internalização transmutadora permite colocar dentro do sujeito, sob a forma de estrutura mental, algo que lhe falta e que ele tem na relação com um self-objeto" (1991, p. 303).*

Estes são alguns dados quanto ao curso evolutivo mais geral. Caberia retomar e examinar as vicissitudes evolutivas específicas das configurações arcaicas narcísicas.

Como se daria o desenvolvimento psíquico em sua fase inicial? Como se realiza a transformação do narcisismo arcaico?

Pode-se pensar que ao nascer a criança vive um estado de indiferenciação, ou mais precisamente, não percebe distinção entre o interno e o externo, o si mesmo e o outro. Parece experimentar-se e ao outro como um continuum, sem polaridades, onde a consciência do agente materno basicamente não se efetua. A este estado pode-se associar o estágio de narcisismo primário. Entretanto os estímulos externos alcançam o bebê, mesmo que de forma relativa e fortuita. Através do cuidado materno, gradativa e difusamente, inicia-se a percepção de um objeto externo que tem ligação com a redução da tensão interna.

Durante um período, mesmo com uma percepção difusa desse objeto gratificador das necessidades, ainda pode-se verificar um funcionamento enquanto sistema - apesar de "dois" (mãe-bebê) formam um conjunto, uma unidade dentro de uma fronteira comum. A tentativa ilusória de manter o estado anterior de fusão/indiscriminação, o desejo de dar continuidade a experiência narcísica onipotente, parece ser uma fantasia básica primitiva.

O equilíbrio narcísico é, no entanto, fatalmente abalado. A manutenção de um subministrô contínuo, sem falhas, por parte da figura materna coloca-se impossível. Seus cuidados inevitavelmente são imperfeitos. A maturação do organismo do bebê o torna mais suscetível às estimulações do meio e os atrasos na satisfação desejada incrementam as tensões psíquicas, sendo experimentados como traumáticos.

Frente a tais desequilíbrios, a organização psíquica infantil, num esforço para tentar dar continuidade à perfeição e à onipotência, alucinadas anteriormente, constrói configurações substitutivas: o self grandioso e a imago genitorial idealizada - já mencionadas.

Kohut (1971) apresenta formulações que poderiam aludir aos mecanismos atuantes na preservação de parte de vivência primitiva de perfeição narcísica: "*Eu sou perfeito*", "*Você é perfeita, mas eu sou parte de você*". Tais frases corresponderiam respectivamente às configurações narcísicas.

O self grandioso se traduziria então por uma "imagem grandiosa e exibicionista do self" (1971) enquanto a imago parental idealizada se revelaria pelo investimento do outro experimentado como self-objeto, que cuida e protege, de admiração e onipotência através da idealização.

Primeiramente considerações serão realizadas quanto ao self grandioso. Este apresenta três diferentes estágios evolutivos que correspondem ao grau de separação psicológica estabelecido com o objeto e precedem ao desenvolvimento completo do amor objetal.

Na forma mais arcaica a relação existente entre o self grandioso e o objeto é de total identidade com características de fusão. O objeto é vivido como uma extensão do self grandioso, o que significa também dizer que se encontram ligados a partir de um contínuo de grandiosidade e exibicionismo. No segundo estágio já se instala algum nível de separação, e o objeto narcisicamente catexizado é sentido como igual ou muito semelhante ao self grandioso. Kohut (1971) descreve o vínculo entre o self grandioso e o objeto fazendo analogia a um relacionamento com um alter-ego ou gêmeo. Na terceira forma, e mais madura, o objeto é mais claramente experimentado como separado do self grandioso. O tipo de relacionamento que se estabelece é o do espelhamento: o objeto reflete e aprova o caráter exibicionista do self grandioso infantil e confirma a auto-estima.

É importante assinalar que na relação entre o self grandioso e o objeto, não importando o grau de separação existente entre ambos, sejam atendidas as necessidades do self no que diz respeito ao exibicionismo e às fantasias de grandeza:

*"O objeto só é importante na medida em que é convidado a participar do prazer narcísico da criança e, assim confirmá-lo. Antes que a separação psicológica se tenha estabelecido, o bebê experiencia o prazer da mãe em todo o corpo dele como parte do seu próprio equipamento psicológico. Após a separação psicológica haver-se efetuado, a criança precisa do brilho nos olhos da mãe, a fim de manter a sufusão libidinal narcísica que agora concerne, em sua sequência, às principais funções e atividades das diversas fases de maturação" (Kohut, 1988, p. 108).*

O objeto catexizado com libido narcísica, respondendo aos aspectos exibicionista e de grandiosidade do self, toma parte na manutenção da homeostase narcísica da criança.

O exibicionismo e as fantasias de grandeza podem ser consideradas duas importantes marcas da dimensão narcísica das pulsões e referem-se às necessidades da criança de atenção, aprovação e confirmação da sua existência.

Mas como todas as necessidades infantis estas também se apresentam como exigências violentas e poderosas, e uma adequação à realidade através de limites é indispensável para a saúde mental da criança. O objeto narcísicamente catexizado, ou melhor dizendo, as figuras parentais atuam com frustrações gradativas, acompanhadas de apoio, tentando conduzir a criança à aceitação de

suas limitações. Uma substituição gradual então irá se efetivando no sentido de metas mais ego-sintônicas, de um prazer nas realizações do próprio self, e de uma auto-estima mais realista.

Assim, no percurso evolutivo realizado pelo self grandioso, pode-se ver a neutralização das forças narcísicas originais a partir da sua integração com propósitos mais realistas do ego.

Portanto é de se reconhecer que os elementos constitutivos do self são, fundamentalmente, oriundos da relação com o self-objeto materno:

*"En el momento en que la madre ve por primera vez a su hijo y también está en contacto con él (a través de canales táctiles, olfatorios y propioceptivos mientras lo alimenta, lo tiene en sus brazos, lo baña), tiene su virtual comienzo un proceso que establece el sí-mismo de una persona y que continúa durante toda la niñez y, en grado menor, en la vida adulta" (Kohut, 1980, p. 80).*

A criança ao nascer traria em si um self em potencial, que na relação empática mútua com o self-objeto materno, seria burilado, vindo a se tornar o self nuclear. O self nuclear encontraria-se impregnado das relações com o self-objeto, das expectativas e da criação histórica sobre ele.

*"... las interacciones específicas del niño y sus objetos-del-sí-mismo a través de las cuales, en incontables repeticiones, los objetos-del-sí-mismo responden con empatía a ciertas potencialidades del niño ... pero no a otras.*

*Esta es la manera más importante en la cual las potencialidades innatas del niño son selectivamente fomentadas o frustradas. El sí-mismo nuclear en particular no se forma por el aliento y el elogio conscientes o la frustración y el rechazo conscientes sino mediante la responsabilidad profundamente arraigada de los objetos-del-sí-mismo que, en última instancia, constituye una función de los propios sí-mismos nucleares de los objetos-del-sí-mismo" (Kohut, 1980, p.80).*

Envolvido nesse processo não se poderia esquecer a necessidade de elaboração do luto, pelas partes perdidas do self, que a criança deve realizar. Na interação, mencionada anteriormente, alguns aspectos do self potencial perseveraram através das respostas empáticas seletivas do self-objeto. Outros não. Cumpre-se elaborar o luto pelo perdido e pela fantasia da plenitude. Esses comentários combinam diretamente com as colocações realizadas por M. Klein (1975) sobre o sentimento íntimo de solidão, "um estado que resulta do desejo onipresente de um estado interno perfeito inatingível" (p. 133).

Todo esse processo é responsável pela formação de um self coeso e bem integrado. Mais precisamente, o olhar materno com respostas constantes adequadas, aprovando e limitando seletivamente, consciente e inconscientemente, produzirá, por espelhamento, o estabelecimento e a manutenção de uma representação coesa do self.

A experiência de um self coeso é responsável não só pela criação de um sentimento subjetivo de bem estar mas também pelo sentido de possuir uma unidade e identidade através do tempo.

Esse é normalmente o percurso realizado pelo self-grandioso até atingir a consolidação do self, se independizando de seus antigos self-objetos e podendo assim estabelecer objetivos mais realistas a alcançar.

Como foi indicado anteriormente, paralelo ao desenvolvimento do self-grandioso, vemos também o amadurecimento de outra estrutura narcísica - a imago parental idealizada, que seria a sua contraparte.

As falhas inevitáveis do cuidado materno levam a criança a tentar restabelecer a perfeição originariamente experimentada, investindo narcisicamente o objeto (difusamente reconhecido como outro). Sendo esse objeto idealmente vivenciado como repleto de poder e perfeição, cria-se um desejo de manter uma ligação contínua, uma necessidade urgente de fusão com ele. Permanecendo unida ao objeto, a criança experimentar-se-ia também onipotente e cheia de forças.

A idealização parental, que segue como desdobramento do narcisismo infantil, tenderá a ceder diante das experiências reais com os pais. O desenvolvimento cognitivo da criança irá possibilitando maior reconhecimento da diferença e da separação entre self e objeto, e conseqüentemente uma reavaliação da imagem genitorial realizar-se-á.

Essa reavaliação mostra-se correlacionada à construção de estruturas centrais da personalidade, estruturas controladoras

de impulsos, através de processos básicos de internalização. A imago idealizada, com características amadas, é fonte de gratificação. A cada decepção experimentada a psique infantil transforma tal perda, o aspecto perdido, num introjeto e o mantém, agora desligado do objeto, como função interna. Dessa forma enuncia Kohut:

*"Toda deficiência detectada no genitor idealizado conduz a uma correspondente preservação interna da qualidade externamente perdida pelo objeto" (1988, p. 105).*

Vê-se nesse processo a formação do superego, estrutura básica controladora de impulsos. Os aspectos idealizados perdidos do objeto correspondem ao aspecto idealizado encontrado no superego - o ideal de ego. Este é portanto o representante direto das qualidades objetais, do que pode-se admirar e espera-se atingir para si próprio.

Deve ser lembrado que combinado à libido narcísica do objeto encontra-se também a libido objetal propriamente dita. Ambas, de maneira diversa, contribuem para a formação do superego. Principalmente durante o período edipiano, o que se refere, no processo de introjeção, ao investimento com libido objetal será responsável pelos valores e padrões do superego; enquanto que o investimento com libido narcísica irá responder pela severidade superegóica.

Dito por Kohut:

*"A internalização dos aspectos de catexia objetal da imago parental transforma o último em conteúdos e funções do superego; a internalização de aspectos narcísicos é responsável pela posição exaltada que esses conteúdos e funções têm em relação ao ego" (1988, p.48).*



O que parece ficar claro é a estreita relação entre a idealização, descendente direto do narcisismo arcaico, e a dimensão do superego, sua força e pressão.

Kohut (1988) irá mencionar estágios na construção do superego que se referem aos períodos de desenvolvimento da sexualidade pré-edipiano e edipiano. Em tais períodos revela-se diferenciada gradação quanto à assimilação das decepções com o self-objeto. A fantasia do objeto onisciente e todo poderoso, que gratifica plenamente, irá sendo abalada pelas frustrações que ele próprio impõe à psique infantil.

Durante o período pré-edipiano essas perdas graduais geram o núcleo primitivo da estrutura controladora de pulsões. Já no período edipiano, diante de novas circunstâncias na relação criança-figuras parentais, a perda se caracteriza como mais radical, comparativamente à fase anterior. Completa-se então a constituição do superego - sua total idealização.

É importante que as perdas relativas à imago parental idealizada sejam apropriadas ao período vivenciado. Caso contrário a estruturação básica do aparelho psíquico pode ficar seriamente comprometida já que não se realiza a internalização final e não se consolida a idealização do superego.

A psique infantil encontra-se passível de ser atingida em sua organização desde os primórdios de seu desenvolvimento até o final do período edipiano, inclusive mesmo no início do período

de latência. De acordo com a etapa evolutiva onde ocorreu a perda ou decepção traumática, encontrar-se-ão alterações distintas quanto à internalização dos aspectos idealizados. De forma geral a estrutura interna não se constitui adequadamente, há uma fixação no self-objeto arcaico, e uma busca incessante no exterior de objetos perfeitos, idealizados, que sirvam de substitutos às falhas da estrutura psicológica.

A interferência no estabelecimento, perturbação ou interrupção, do lado ideal do superego, implicará em dificuldades para a manutenção da homeostase narcísica.

*"No domínio do narcisismo, perturbações traumáticas muito precoces no relacionamento com o self-objeto idealizado arcaico, especialmente, decepções traumáticas com ele podem interferir muito com o desenvolvimento da capacidade básica da psique de manter, sozinha, o equilíbrio narcísico da personalidade" (1988, p.51).*

Aqui também, todavia de outro ângulo, as trocas mútuas entre a criança e seus pais influenciam na evolução das estruturas narcísicas arcaicas. Se, no que diz respeito ao self grandioso, faz-se necessário a empatia seletiva e com isso a assimilação das próprias limitações, quanto à imago parental idealizada é a gradual revelação das próprias imperfeições e uma conseqüente aproximação e reconhecimento dos atributos reais parentais o fundamental.

Somente assim pode-se esperar que a própria psique seja capaz de, por si e autonomamente, proporcionar o equilíbrio

narcísico essencial ao funcionamento do indivíduo. Nesse sentido a relação que vier a se estabelecer com os objetos não se constituirá numa relação de uso, que garanta um equilíbrio narcísico, mas sim numa relação de desejo e prazer no reconhecimento das características particulares do outro, aspectos que podem ser amados e admirados.

Outras considerações quanto ao imperfeito contato empático paterno podem ser levadas a efeito. Trata-se da diferenciação entre self e objeto, que se cria paralela ao proceder da integração de representações boas e más do objeto, tornando-o total, e nesse mesmo percurso também o próprio self. O reconhecimento e a consolidação dessas imagens de objeto e self, distinguidos e separados, aponta para desejos e afetos particulares que, ao se encontrarem, nem sempre estarão consonantes. Portanto a falta empática revela ao self que seus desejos não poderão ser sempre prontamente atendidos, que deve aguardar e/ou procurar lutar para alcançar a sua realização.

*"No cabe duda de que un mínimo de frustración de la confianza del niño en la percepción empática del objeto-del-sí-mismo es necesaria, no sólo para introducir las internalizaciones transmutadoras que construyen las estructuras necesarias para la tolerancia frente a la postergación, sino también para estimular la adquisición de respuestas que están en armonía con el hecho de que en el mundo existen enemigos reales, es decir, otros sí-mismos cuyas necesidades narcisistas se oponen a la supervivencia del propio sí-mismo" (Kohut, 1980, p.95).*

O resultado do desenvolvimento das configurações narcísicas arcaicas pode ser a consolidação de um self coeso, bem

investido narcísicamente, integrado ao ego quanto aos seus objetivos, e a formação de um ideal de ego (parte idealizada do superego) capaz de colaborar na manutenção da homeostase narcísica. Portanto um self independente, que encaminha seus desejos e ambições, e um ideal de ego que os controla e direciona, funcionando ambos em acordo e ego-sintonicamente.

A partir de um conjunto de circunstâncias favoráveis na relação self/self-objeto, gradativamente estabelecer-se-á uma representação do self diferenciado, constante e duradoura, que ao ser reconhecida pelo indivíduo se constituirá no que pode ser chamado de sentimento subjetivo de identidade.

**CAPITULO IV****ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DO NARCISISMO NA SITUAÇÃO GEMELAR**

Travar uma relação de forte intimidade e dependência com um outro, desde o início do desenvolvimento psíquico, parece ser característico a todo ser humano.

Sabemos ainda que após o nascimento o bebê tenderá a se encontrar num estado alucinatório de satisfação plena e contínua, em unidade com a figura materna - o outro -, sem estabelecimento de limites entre sujeito e objeto.

*"... au début, le Moi s'agrandit en effet automatiquement ne connaissant pas de limite entre lui-même et le monde ambiant, les deux ne faisant qu'un. Le monde est en lui, mais il est également le monde, celui-ci le reflétant sur un mode narcissique. L'enfant à cette phase de son évolution n'est pas le centre de l'univers, il est l'univers même... il s'agit d'une véritable confusion sujet-objet: l'union narcissique" (Grunberger, 1975, p.94)*

O primeiro contato com o mundo se dá concomitante à presença de um outro e desse contato origina-se a vivência de satisfação, e por consequência o desejo, elemento motor fundamental à vida do indivíduo.

Apresenta-se aí enredada a idéia da experiência da duplicidade, imprescindível e constitutiva do ser.

Se própria ao homem e significativa na construção da psique, também assim o será para os gêmeos. Mas o que dizer da

vivência de um duplo idêntico, que partilha o crescimento, no mesmo compasso e período de desenvolvimento? De que modo esse duplo coloca-se enquanto presença real e agente de satisfação? Há de se estabelecer alguma implicação particular.

O duplo idêntico introduz, desde os primórdios, na relação mãe-bebê, um terceiro, um a mais nesse par. Novas parcerias se instituem: a mãe e cada um de seus bebês, os bebês entre si, a mãe e os gêmeos. A união narcísica inicial ganha outros contornos.

O modelo sugerido por Freud (1923) para representar, com fidedignidade, a situação narcísica primária é a vida intrauterina. Esta mostrar-se-ia como uma situação de perfeito acordo narcísico.

Os gêmeos estariam a dividir essa harmonia narcísica e, poderíamos dizer, de forma parcial e total, simultaneamente. Parcial, se retomarmos as proposições de Calvesi (1979), como indício do sentimento de incompletude vital que os coloca na possibilidade da experiência completa somente se a dois. Total, por se encontrarem num momento onde qualquer estímulo externo é sempre atribuído a si próprio, apagando as diferenças, e um confundindo-se com outro.

O que parece restar é a marca dessa ligação narcísica, particular aos gêmeos, que aparecerá em articulação com fantasias originárias organizadoras do seus mundos internos.

A época do nascimento, primeiro encontro da criança com o mundo, a figura materna, numa relação saudável, colocar-se-á disponível a sustentar seu bebê na ilusão da plenitude narcísica, por um período satisfatório, suficientemente longo, diria Winnicott (1979), mas sem perder totalmente a dimensão sujeito-objeto. Essa tarefa é realizada não unicamente pela satisfação das necessidades básicas de nutrição, mas também por uma relação, de cuidado e amor, que inclui sensações de ordem primitiva.

O bebê encontra-se com todo o seu corpo, mas precisamente todas as aberturas de seu corpo, prontas a receber e captar os sinais do meio externo. Esses sinais-objeto vão sendo utilizados pela criança, sentidos e manipulados autisticamente, diríamos em acordo com Geissmann (1984), até transformarem-se em traços de identificação do mundo interior e exterior. Gradativamente realiza-se um processo de interpretação e de construção do mundo e de si mesmo.

*"Le nouveau-né aura à déchiffrer cet écheveau de données multiples et contradictoires pour construire ses objets et son image du corps propre". (Cordié, 1987, p.50)*

Também concordando com Freud (1923) que o ego é, antes de mais nada, um ego corporal, acabaremos por encontrar um entendimento de como, no início do desenvolvimento, a presença de outro gêmeo, real, se interpõe nessa construção. É através do conjunto de percepções sensoriais que cada gêmeo delinea sua representação no outro, imprimindo-se no ego, mais precisamente como componente da matriz internalizada do objeto exterior, e tomando parte na relação narcísica. Poderíamos dizer em acordo

com Maenchen (1968), que a incorporação visual contínua da imagem especular do gêmeo conduz à identificação. Essa primária identificação tem influência decisiva na formação egóica.

Cada bebê-gêmeo, que participa da criação da representação própria, vivendo estágio de desenvolvimento igual, com proximidade e semelhança física, possui necessidades e desejos um tanto idênticos. Ambos encontram-se em situação de "indefension" (Cabas, 1980), mas são capazes de, num certo nível, atender ao outro naquilo que carece de ser suprido. Portanto, no que se refere a aquisição das representações de si mesmo, simultaneamente determinam e são determinados, um pelo outro. Nesta interação acabam por estabelecer uma fronteira comum, numa difusão dos limites do ego, onde cada gêmeo situa-se como extensão do self do outro.

Essa relação inicial mostra-se um tanto simbiótica, onde uma troca de gratificações e prazeres eróticos, sensuais, realizam-se via modos sensoriais (visual, auditivo, vocal, tátil) firmando um forte vínculo entre os dois. Mais do que isso, um entranhamento total, uma união consubstancial. Tal ligação apresentará suas diferenças quanto a outra que também toma forma nessa mesma ocasião - a relação mãe-bebê. É claro que um bebê não se comporta de maneira análoga à mãe, mesmo que esta tenha sofrido algum tipo de perturbação no seu desenvolvimento libidinal.

*"There are differences, however, between the twin bond and the mother-infant bond. As infants, the twins are unable to clearly formulate wishes, attitudes, values as driving forces in themselves. They are more or less equal in every developmental respect"*  
(Ortmeyer, 1970, p. 139)



Entendemos então, que o self será concebido por relação a uma experiência de duplo espelhamento, como resultado da vivência de uma "dupla" ligação narcísica: com a mãe e com o irmão gêmeo.

A situação narcísica, lugar da fusão, é a mesma que, pela formação da estrutura egóica, possibilitará o desprendimento. Dito de outro modo, de um momento narcísico inicial, de indiferenciação, essencial à construção da psique, segue-se para o encontro com o objeto, discriminando-o e, em contrapartida, discriminando-se.

Esse é o processo. De uma existência dual chega-se à individuação (Mahler, 1977). Para individuar-se há que se separar.

Ao pensarmos nos gêmeos percebemos todo esse processo revestido de grande complexidade. Para discriminarem-se, estabelecerem uma representação do self distinta, precisam efetuar uma dupla separação, correspondente à dupla ligação narcísica.

Mas, na verdade, o que freqüentemente tende a ocorrer é uma "we-self" - separação das figuras parentais, da mãe mais especificamente. Ou seja, o crescente desvencilhar-se desta pode produzir, e assim acreditamos que o faça, um fortalecimento da ligação narcísica dos gêmeos.

*"...with twins, it may increase autonomy from the mother, but it can also maintain or even strengthen the bond between them. They may not struggle toward individuation, but replace mother by each other" (Ortmeyer, 1970, p.137-138).*

Originalmente, todo bebê fantasia dar continuidade à satisfação narcísica, vivida na relação materna. Colocaria-se alerta procurando oportunidades para reatar a condição de prazer perdida.

A relação gemelar demonstra essa possibilidade. As gratificações obtidas nessa relação apontam uma alternativa, um caminho a ser seguido pela libido diante das frustrações impostas pela relação primitiva mãe-bebê. Os gêmeos podem reconstituir a plenitude narcísica, na ausência da mãe, vivendo um estado de exaltação e júbilo, onde cada um é a projeção narcísica do outro, a extensão do seu próprio self. Essa é a questão que nos parece essencial. Como se processa a evolução do narcisismo dos gêmeos, diante das constatações que já vimos realizando?

Freud (1914) e Kohut (1966) mencionam a organização narcísica como algo que não desaparece nunca, funcionando paralelamente à relação objetal. O que podemos dizer então, sobre as vicissitudes do narcisismo na estrutura psíquica dos gêmeos?

Seguiremos a partir das proposições freudianas e posteriormente introduziremos as idéias de Kohut que colocam-se como complementares àquelas.

De acordo com Freud (1914) a libido narcísica transforma-se em libido objetal mas uma cota daquela conserva-se ligada ao ego. Essa transformação efetua-se com o incremento da estimulação interna, unificada as pulsões e reconhecidos os objetos como totais. Identificado o mundo, estabelece-se a relação objetal - os objetos são investidos de libido, agora libido objetal - e funda-se o amor objetal. A escolha de um objeto de amor encontra-se referida aos primitivos objetos de amor: o próprio eu e as figuras parentais.

Amar, segundo o tipo narcisista, é amar ao objeto como meu reflexo próprio.

O gêmeo é a própria reflexividade, não só no campo fenomenal. Cada irmão gêmeo constituiu-se primariamente como objeto sexual do outro, e mais ainda, ao incluir-se de forma diferenciada na vivência narcísica, partilhando prazeres, dificultou a aquisição da representação do self, e possibilitou uma experiência unívoca, da indiscriminação à complementação.

O estudo do comportamento gemelar feito por alguns autores (Mari Siemon, Ortmeyer, Burlingham) indica a complementariedade nos traços da personalidade. Desenvolve-se alguns em detrimento de outros. Melhor dizendo, o que vier a ser desenvolvido por um dos gêmeos será refreado em seu desenvolvimento pelo outro. Assim produz-se o efeito de unidade, podendo restabelecer-se o narcisismo desfrutado outrora.

Talvez esse aspecto - a complementariedade - possa ser considerado como demonstrativo da angustia descrita por Calvesi (1976). Uma angustia pela perda da metade do ser (ou angustia de cisão gemelar do ser) que se traduz por um doloroso sentimento de incompletude ou falta e que, a nós, parece ser uma das pedras fundamentais sobre a qual se constrói a história pessoal do gêmeo: a procura de um objeto de amor capaz de preencher tal falha.

Nesse sentido o irmão gêmeo será investido de amor narcísico. Podemos verificar que todas as variações da forma de amar narcisicamente, apresentadas por Freud (1914), podem correlacionar-se ao modo de relação entre gêmeos.

Diríamos ainda que esse elevado narcisismo influenciaria suas relações de objeto, caracterizando-as por um predomínio do amor narcísico.

Mas se as interrelações entre libido objetal e libido narcísica norteiam a atividade egóica e a auto-estima, como poderemos encontrar tais aspectos na relação gemelar?

Esta questão encontra-se dirigida ao que pudermos entender sobre a formação de um ideal de ego e sua influencia no crescimento e fortalecimento do ego.

O ego do período narcísico, idealizado pela perfeição alucinada, não conseguindo sustentar-se incólume diante das

frustrações e exigências do mundo objetal, cede e faz sua tradução - serve a si mesmo de modelo tornando-se o ideal do ego.

Na situação gemelar, a onipotência infantil, vivência narcísica do ego, inclui a experiência com o outro gêmeo, o duplo idêntico, e quando àquela precisa-se renunciar, há a preservação de aspectos fraternos. É gradativamente que se instala a distinção entre os gêmeos, e a posição narcísica paralelamente é levada a ser abandonada. A cada desligamento, a cada diferença percebida, há uma identificação com tal característica e a tentativa de recriá-la internamente. Identificado com o outro, fusionado mesmo, trata-se de preservar, assimilando, os aspectos apontados pela separação. As identificações realizadas com as figuras parentais encontram-se num segundo plano em relação às realizadas com o gêmeo. Conforme pode ser observado por Arlow (1960), Mari Siemon (1980) e outros, o que ocorre mais fácil e freqüentemente é a identificação recíproca, uma interidentificação propiciada pela própria condição de ser gêmeo.

*"The novel factor of twinship is the constant presence of another person of the same age and appearance who is going through the same developmental tasks... because of the problems involved in raising twins, the twins are often left to amuse each other and become part of each other's intimate environment. The climate is set for twins to identify with each other rather than with an adult" (Mari Siemon, 1980, p. 389).*

Nesse processo os gêmeos parecem construir dentro de si, como ideal, o que ficou perdido da relação com o outro. Mas precisamente, afluem, de modo diferenciado, nessa arquitetura, o próprio ego idealizado, este já impregnado pelo duplo idêntico,

as identificações com o gêmeo, e as identificações com as figuras parentais.

Interessante pensar que existe uma simetria na construção dessa instância - o ideal do ego. Para cada um, o que é internalizado tem referência direta ao que mostra-se representado, "ao vivo", pelo outro. Parecem estabelecer-se ambos como ideal do ego, um do outro. Portanto o encontro com o irmão gêmeo pode significar uma reativação do sentimento de onipotência, na medida que cada um oferece ao outro os recursos necessários, seus próprios traços, para que numa interação aproximem-se do idealizado. Ambos possuem a fantasia de ter em mãos o domínio de tal processo, o que torna mais forte o desejo de dar continuidade a esta relação de unidade.

Podemos reconhecer então, nessa ligação gemelar, primeiramente a constituição de um "ego-acoplado", e de um sistema especial regulador da satisfação narcísica, e por extensão, da auto-estima.

As concepções de Kohut nos ajudarão a elaborar melhor esta afirmativa.

A vivência da gemelaridade traz uma particular experiência subjetiva que reflete sobre os caminhos tomados pelo narcisismo, e sobre o estabelecimento de um self coeso e sadio.

Assim também para Kohut (1980), o primeiro momento da criança, na sua relação com a figura materna, é o estado de

indiferenciação, e a ele associado a experiência narcísica onipotente. Com o desenvolvimento psíquico, a separação instala-se e igualmente o desejo de dar continuidade à perfeição e à onipotência. Cria-se o self grandioso e a imago genitorial idealizada.

Como podemos perceber a participação do outro gêmeo nessas configurações arcaicas?

No início do processo de maturação cada irmão gêmeo será considerado como uma extensão do self grandioso do outro. Apesar de posteriormente conseguirem vivenciar a separação, a autonomia, parecem nunca realizarem clara distinção entre si mesmos. O irmão gêmeo será percebido como um self-objeto e catexizado com libido narcísica, mas resquícios da fusão original simultaneamente parecem persistir, através da criação de um self-comum, resultado da expansão dos limites de cada self.

Importante considerar que ambos os gêmeos desejam exibir-se, mostrar seus aspectos grandiosos, e serem aprovados em suas potencialidades. Tal situação confirmaria suas existências e interviria na auto-estima.

Os bebês encontram-se grande parte do tempo juntos, e nesse sentido passam a exibir-se um ao outro, num jogo de gratificações. Como diria Kohut (1988), cada um participa do prazer narcísico do outro, interagindo com necessidades recíprocas, mas não como um outro e sim como parte integrante daquele corpo.

Paralela, portanto, à evolução da relação com a figura materna, constituir-se-ia uma outra relação, um tanto fechada, que assegura o sentimento de onipotência. Pode haver o desenvolvimento de um self coeso, mas diríamos ocorrer, oriundo dessa relação particular com o self-objeto gêmeo-fraterno, o desenvolvimento de um sistema que funciona como uma unidade, um "we-self" (Ortmeyer), que intrinsecamente tem sua força na participação da manutenção da homeostase narcísica.

Talvez não fosse apressado concluir que as existências desses indivíduos ficariam condicionadas, em parte, à vivência dessa unidade. Conforme ilustrado por D. Cronenberg no filme "*Gêmeos - mórbida semelhança*" (Dead Ringers, 1989), no diálogo realizado entre os dois irmãos gêmeos "*Você só pode realmente sentir que viveu esta situação se vier a me contar tudo conforme aconteceu*". Sem dúvida estamos cientes do seguimento radical, particular, tomado pelo filme mas tal fala é o registro da força de atração dessa unidade e suas implicações.

De um outro lado a fantasia da perfeição parental, pouco a pouco, sucumbe diante das suas inevitáveis imperfeições. O reconhecimento destas colaboram para que, num processo de internalização - transformação construam-se as estruturas psicológicas básicas controladoras dos impulsos.

O que podemos verificar é a possibilidade que a relação gemelar traz em si para manejar a vivência frustradora relacionada ao objeto parental. Diante das desilusões voltam-se para a relação com o gêmeo. É a alternativa de retorno a um self-objeto gratificante, onde procura-se manter, substitutivamente, o logro da plenitude narcísica.



Esse reencontro com o outro leva-nos a pensar numa perturbação quanto à formação do superego e do ideal do ego. Joseph argumenta que a formação do superego acha-se incompleta em vários sentidos. Basicamente a resolução do complexo edípico diria respeito à interidentificação gemelar, em prejuízo da identificação com as figuras parentais.

*"Problems involving the solution of the conflicts of the oedipal phase carried over into those of superego formation, so that the superego of identical twins was frequently found to be defective in many ways. Essentially the problem encountered arises at the time of the attempted resolution of the oedipus complex, when the usual maneuver is a turning away from the disappointing parent and an identification with him. In twins there is a lessened need to incorporate and identify with the parent, since the pre-existing intertwin identification offers an easier alternative" (1961, p. 161).*

De acordo com Joseph e seguindo as idéias de Kohut ampliaríamos tal questão marcando ênfase sobre dois aspectos da construção da parte idealizada do superego.

A libido narcísica é a responsável pela dimensão superegóica, sua inflexibilidade e seu rigor. Se existe o uso do irmão gêmeo como fonte substitutiva de prazer, a internalização dos traços narcísicos traz diferenças, e alterações são provocadas na relação entre o poder do superego sobre o ego.

Além disso, etapas daquela construção correspondem à gradação das decepções com as figuras parentais. O primeiro momento de desidealizações, durante o período pré-edípiano, é menos violento se comparado ao segundo, o período edípiano. Nos gêmeos há uma tentativa de negação do que se perde. Com isso há

menor preparação para a perda mais radical, a do período edipiano. Perturbam-se as internalizações parciais, dificultando assim a internalização final e comprometendo a consolidação da idealização do superego. Nestes termos os irmãos gêmeos precisarão um do outro para auxiliarem-se na manutenção do equilíbrio narcísico próprio.

Nas transações entre a criança e os pais, as desidealizações e o reconhecimento das limitações próprias, acabam proporcionando a condição da diferença entre self e objeto. No desenvolvimento psíquico dos gêmeos parece efetuar-se tal distinção quanto às figuras parentais, mas alguma interferência no estabelecimento das representações do self tem lugar pela ligação criada com o outro gêmeo. Recorrendo-se mutuamente como fonte de prazer alternativo não promovem uma clara diferenciação de suas "*self-imagens*" e cada um toma parte da estrutura psíquica do outro. O papel da imagem especular, importante para a aquisição das representações, nesse caso gera um partilhar de experiências dificultando a constituição das representações de self e de objeto distintas.

Aliam-se a todas estas considerações sobre o relacionamento entre gêmeos idênticos, outras referentes às influências do meio sobre tal relação, mais precisamente o trato dado pelas figuras parentais às crianças.

Sabemos do papel materno, do olhar e da relação, na construção da estrutura psíquica do seu bebê e já vimos comentando anteriormente. Mas fica a questão de pensar o

significado de ser mãe de gêmeos e quais as suas implicações naquele processo.

A resposta materna a tal experiência encontra-se em íntima correlação com sua própria experiência anterior. Burlingham (1946) aponta três fatores básicos que compõem a resposta materna. Entretanto um deles colocá-riamos como o mais importante: fantasias e desejos de ser gêmea ou de ser mãe de gêmeos. Este merece destaque na medida que nos falará da sua própria vivência de unidade e de separação, sua evolução narcísica. A partir daí tem forma a interação com os gêmeos.

Não há dúvida que o nascimento de gêmeos altera as inter-relações familiares e gera nos pais grande orgulho e amor-próprio (Burlingham, Leonard, Ortmeyer). Há um efeito especial principalmente sobre o narcisismo da figura materna, um ganho narcísico. Este ganho inconsciente leva a execução de atitudes que, de alguma forma, garantam a continuidade desse prazer. Nesse sentido tenderão a valorizar as semelhanças e estabelecer com cada gêmeo diferente relação, que leve ao desenvolvimento de características complementares, ficando assim sinalizado àqueles a expectativa de unidade.

*"The mother may still treat the twins as if they were a unit and deny their differences"*

(Ortmeyer, 1970, p. 137).

Esse processo é facilitado pelo fato de que desde muito cedo os gêmeos são deixados à sua própria companhia - um tem ao outro - estabelecendo contatos estreitos e interidentificando-se. Nessas circunstâncias valoriza-se a relação entre gêmeos,

consequentemente a unidade; e mais ainda, o que Leonard (1961) tinha apontado e aceito por nós: dificuldades na identificação com o objeto - as figuras parentais.

O desejo materno de constituírem-se como unidade é percebido pelos gêmeos e intervirá no tipo de relação que venham a manter entre si. Tenderão a atendê-lo promovendo manobras capazes de dar conta do que internamente possa surgir de contrário a tal necessidade. Suas próprias tendências exibicionistas da unidade psicológica, também participarão do jogo reativo.

O caráter ambivalente da relação entre ambos parece ser o ponto essencial a ser mencionado. A rivalidade, os conflitos pelo desejo de exclusividade do amor materno, e quaisquer outros sentimentos que possam prejudicar a relação precisam ser reprimidos. A preservação da relação gemelar é o que conta, manter a paz entre eles, desfrutar de prazeres comuns e do sentimento de onipotência. Estimulados inconscientemente pelas atitudes maternas os gêmeos privilegiarão sua inter-relação.

*"In a sense, it is probable that all twins purchase good relations with each other at the expense of their relationships with other individuals" (Arlow, 1960, p. 195)*

Conforme vários autores (Arlow, Ortmeyer, Joseph) distúrbios na relação objetal podem ser identificados. E, caracterizá-los, concordando com Arlow (1960), uma propensão do indivíduo gêmeo à escolha narcísica de objeto.

A relação materna portanto parece-nos imprescindível no rumo que vier a tomar o relacionamento dos gêmeos idênticos entre si, e também com outros objetos do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação de alteridade aparece como marca constitutiva do ser humano. A sua própria imaturidade, tanto biológica quanto psicológica, ao nascer, concorrem para tal, e um outro estará definitivamente presente em cada indivíduo, como um fantasma que cada um carregará dentro de si mesmo, diria Wallon (cit. Zazzo, 1960).

Há uma confusão inicial com esse outro e decorrendo paralela à discriminação - separação encontra-se a possibilidade de percepção de si-mesmo. Esse outro coloca-se enquanto presença real, que satisfaz necessidades mas tem autonomia, e como imagem especular construtora da psique. É esta dinâmica da reflexividade na relação eu-outro que fundamenta a natureza dupla do ser humano.

Esta duplicidade aparece com peculiaridades na situação gemelar. Trata-se de como esses sujeitos articulam na construção da sua psique esse outro, o duplo idêntico.

Pelo viés do narcisismo podemos perceber vicissitudes singulares desta duplicidade e conseqüentemente dessa articulação.

Os gêmeos, desde sua origem, possuem um companheiro inseparável e experimentam entre si um relacionamento bastante estreito. A vivência de unidade psíquica, comum a toda relação mãe-bebê nos seus primórdios, também é característica da relação gemelar, com a diferença que ambas as crianças encontram-se no mesmo período de desenvolvimento físico e psíquico. A dupla separação, da mãe e do outro gêmeo, trará contornos diferenciados apoiados por tal fato.

Enquanto que com a figura materna tende a efetivar-se a separação - individuação, na relação com o outro gêmeo verifica-se certa indiscriminação entre self e objeto. É que a cada frustração com a figura parental, realiza-se um redirecionamento da libido à procura do gêmeo como fonte substitutiva de prazer. Dar continuidade ao estado ilusório de satisfação, desejo de ambos, conduz a criar um sistema auto-regulador onde, impedido o prazer materno, podem interagir restabelecendo o equilíbrio narcísico. Existindo o retorno sobre o gêmeo, dificulta-se a marcação constante da diferença pela figura materna, e indefinem-se os limites entre self e objeto, o que colabora para o alargamento das fronteiras do ego. Gerada tal confusão, torna-se problemático que as representações do objeto e as representações do self estabeleçam-se distintamente e assim sejam catexizadas.

Esse passo é fundamental para a formação do sentimento de identidade e para um funcionamento à parte, individual. No caso dos gêmeos acaba por ser necessária, em algum nível, a presença do outro para um perfeito funcionamento. Esse outro é vivido como uma extensão do próprio self. Quando no futuro se dá a separação, mais radical, comprova-se a fixação nesse objeto arcaico, e a relação com os objetos do meio caracterizar-se-a como um relação de uso, onde eles possam funcionar como o outro da relação gemelar. Mais precisamente possam substituir as falhas da estrutura psicológica.

Tudo indica que cada gêmeo não possui total autonomia e independência quanto ao outro. Em verdade a relação gemelar traz em si a ambigüidade. Ao mesmo tempo em que possibilita a existência, o lugar do prazer (amar e ser amado), pode significar o aprisionamento, a ameaça de destruição.

Talvez aqui possamos lembrar de Freud (1919) ao mencionar a inversão da função do duplo que, depois de assegurar a continuação do que se "perde" também se apresenta como indicador da perda". Aqui a garantia do prazer, da satisfação, pode ser acompanhada da possibilidade de aniquilamento. Assim o foi para Narciso.

Todavia não devemos esquecer que o meio, particularmente a mãe, reveste-se de importante papel em todo esse processo.

Num aspecto básico, seu próprio narcisismo será o estruturador do narcisismo dos gêmeos. O ganho narcísico por ser mãe de gêmeos, sua necessidade de exibir-se através de tal fato, trará repercussões na relação que venham a manter. A tendência à unidade, à complementariedade, que os gêmeos idênticos apresentam, pode ser incrementada pelas atitudes, inconscientes, da figura materna.

Mas será, sem dúvida, a mãe, aquela capaz de, no curso do desenvolvimento psíquico infantil, utilizando seu contato empático, evidenciar as diferenças entre os gêmeos, reconhecer as individualidades e criar relações distintas com cada um. Nesse sentido haverá maiores chances do crescimento de um self mais saudável, autônomo e independente.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, J.D.C., Sobre as realizações narcísicas: alguns aspectos, Caderno da SPID, RJ, 1988, nº 2, p.156-164.
- ANDRADE, M., ILLA, E.I., ROLLA, E.H., Consideraciones sobre el desarrollo del yo como organizacion de funciones, en observaciones sobre mellizos, Revista de Psicoanálisis, 1980, v.37, nº 2, p. 283-300.
- ARLOW, J.A., Fantasy systems in twins, Psychoanal. Quart., 1960, V. XXIX, 2, p. 175-199.
- AUGRAS, M., O duplo e a metamorfose, Petrópolis, RJ, Vozes, 1983.
- ....., Les Jumeaux et la Mort, Notes sur les mythes des Ibeji et des Abiku dans la culture afro-brésilienne, Psychopathologie Africaine, Dakar, 1990-1991, XXIII, 1:5-17.
- BLEICHMAR, H., O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- BRUSSET, B., Le lien fraternel et la psychanalyse, Psychanalyse à l'Université, Paris, 1987, 12 (45), 5-41.
- BURLINGHAM, D.T., Twins, Psychoanalytic Study Child, 1946, V.2, p. 61-73.
- ....., The relationship of twins to each other, Psychoanalytic Study Child, 1949, V.3, p.57-72.
- CABAS, A.G., El narcisismo y sus destinos, Buenos Aires, Trieb, 1980.
- CALVESI, A., Angoscia di scissione gemellare del Sé, Rivista di Psicoanalisi, Roma, ano XXV, 1, 1979.



- CARDOSO, R.M., Identificação: da articulação necessária entre "realidade psíquica" e "realidade externa", Dissertação de Mestrado, maio 1990, PUC-RJ.
- CHILAND, C., Narcisse ou le meilleur des mondes possibles, Nouvelle Revue de Psychanalyse, 1976, 13, p.223-235.
- CORDIÉ, A., Un enfant devient psychotique, Paris, Navarin, 1987, cap. II (p.29-77), cap. IV (p.127-145).
- DANTAS, D.Q.C., Identificação e identidade numa perspectiva psicanalítica, Dissertação de Mestrado, 1974, PUC-RJ.
- DE WAELHENS, A., A Psicose - ensaio de interpretação analítica e existencial, RJ, Zahar, 1990.
- DOIN, C., Espelho e pessoa in O Ser e o Viver, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p. 147-171.
- DOLTO, F., L'image inconsciente du corps, Paris, Editions du Seuil, 1984, Cap 1 e 2, p.7-208.
- DOR, J., Introdução à leitura de Lacan, Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- ELKISCH, P., The Psychological significance of the Mirror, J. Amer. Psychoanal. Ass., 1957,5, p.235-244.
- ERICKSON, E., Identidade, Juventude e Crise, RJ, Zahar, 1976.
- FIGUEIRA, S.A., Algumas idéias sobre Kohut in Nos bastidores da Psicanálise, RJ, Imago, 1991, p. 300-310.
- FREUD, S., Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, Obras completas, V. XI, RJ, Imago, 1910 (1976).
- ....., Introdução ao narcisismo, Obras completas, V. XIV, RJ, Imago, 1914 (1976).

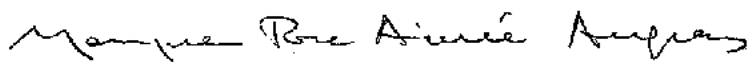
- ....., Os instintos e suas vicissitudes, Obras completas, V. XIV, RJ, Imago, 1915 (1976).
- ....., A Teoria da libido e o narcisismo, Obras completas, V. XVI, RJ, Imago, 1916 (1976).
- ....., Luto e melancolia, Obras completas, V. XIV, RJ, 1917 (1976).
- ....., O Estranho, Obras completas, V. XVII, RJ, Imago, 1919 (1976).
- ....., Identificação, Obras completas, V. XVIII, RJ, Imago, 1921 (1976).
- ....., O Ego e o Id, Obras completas, V. XIX, RJ, Imago, 1923 (1976).
- ....., A cisão do ego no processo defensivo, Obras completas, V. XXIII, RJ, Imago, 1938 (1976).
- GEDO, John E., Beyond Interpretation - Toward a Revised Theory of Psychoanalysis, New York, Int. Univ. Press, Cap. 10 a 15, p. 160-252.
- GEISSMANN, P. et C., L'enfant et sa psychose, Paris, Dunod, 1984, cap. 1,2, p. 1-75.
- GIOVACCHINI, P.L., The treatment of primitive mental states, N.Y. Jason Aronson, 1979.
- GREEN, A., Narcissisme de vie, Narcissisme de mort, Paris, Les Editions de Minuit, 1963.
- GRINBERG, L., Teoria de la identificacion, Buenos Aires, Paidós, 1978.
- ....., Duelo por las partes perdidas del self in Culpa y Depresión: Estudio psicoanalítico, Madrid, Alianza Editorial, 1988, p. 161-173.

- ....., Sentimiento de identidad y elaboración del duelo in Culpa e Depresión: Estudio psicoanalítico, Madrid, Alianza Editorial, 1988, p. 174-186.
- GRUNBERGER, B., Le narcissisme, Paris, Payot, 1975.
- HADOT, P., Le mythe de Narcisse et son interprétation par Plotin, Nouvelle Revue de Psychanalyse, 1976, 13, p. 81- 108.
- HARTMANN, H., Ensayos sobre la Psicología del yo, México, Fondo de Cultura Economica, 1969.
- JOSEPH, E.D., The Psychology of Twins, J. Amer. Psychoanal. Ass., 1961, 9, p.158-166.
- KALINA, E., KOVADLOFF, S., O Dualismo, RJ, Francisco Alves, 1989.
- KLEIN, M., Sobre o sentimento de solidão in O sentimento de Solidão, RJ, Imago, 1975, p. 133-156.
- ....., Sobre a identificação in O sentimento de solidão, RJ, Imago, 1975, p. 74-132.
- ....., Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê in Os progressos da psicanálise, RJ, Zahar, 1982, p. 216-255.
- ....., Sobre a observação do comportamento dos bebês in Os progressos da psicanálise, RJ, Zahar, 1982, p. 256-289.
- KOHUT, H., La restauración del sí-mismo, Espanha, Paidós
- ....., Análise do Self, RJ, Imago, 1988.
- ....., Como cura a Psicanálise? Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- ....., A Psicologia do Self, RJ, Imago, 1989.

- ....., Formas e Transformações do narcisismo [1966] in Psicologia do Self e a Cultura Humana, Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p. 101-122.
- ....., Pensamentos sobre narcisismo e raiva narcísica [1982] in Psicologia do Self e a Cultura Humana, Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p. 123-151.
- KURI, M.G., Dicionário de Mitologia Grega e Romana, RJ, Zahar, 1990.
- LACAN, J., El estadio del espejo como formador de la función del yo in Escritos, México, Siglo Veintiuno, 1977, V.1, p. 11-18.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B., Vocabulário de Psicanálise, Lisboa, Moraes, 1977.
- LEFEBVRE, H., Lógica formal, Lógica dialéctica, Madrid, Siglo Veintiuno, 1970.
- LEONARD, M., Problems in identification and Ego development in twins, Psychoanal. Study Child, 1961, 16, p. 300-318.
- LICHTENSTEIN, H., Le rôle du narcissisme dans l'émergence et le maintien d'une identité primaire, Nouvelle Revue de Psychanalyse, 1976, 13, p. 147-160.
- MAENCHEN, A., Object catexis in a borderline twin, Psychoanal. Study Child, 1968, v.23, p.438-456.
- MAHLER, M., O nascimento psicológico da criança, RJ, Zahar, 1977.
- ....., O processo de separação-individuação, Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- MARI SIEMON, R.N., M.A., C.S., The separation-individuation process in adult twins, American Journal of Psychotherapy, July 1980, V. XXIV, 3, p. 387-400.

- MELGAR, M.C., El "doble" y sus relaciones con los transtornos del yo, Rev. Arg. de Psicoanálisis, 1980, V. XXXVII, 2, p. 343-351.
- MEZAN, R., Freud: A trama dos conceitos, SP, Perspectiva, 1982.
- MITTLER, P., The study of twins, England, Penguin Books, 1971.
- ORTMEYER, D.H., The We-Self of Identical Twins, Contemporary Psychoanal., 1970, V. 6:2, p. 125-142.
- PANKOW, G. Estructura familiar y psicosis, B. Aires, Paidós, 1979.
- PARKIN, A., Narcissism: its structures, systems and affects, Intern. J. Psycho-Anal., 1985,66, p. 143-156.
- PRADO, M.P.A., e outros, Narcisismo e estado de entranhamento, Soc. Bras. Psicanálise, RJ, 1978.
- PROCHNIK, L.C., Narcisismo e identificação na resolução do Complexo de Édipo, Dissertação de Mestrado, 1980, PUC-RJ.
- RANK, O., O duplo, RJ, Coeditora Brasilica, 1939.
- ROSOLATO, G., Le narcissisme, Nouvelle Revue de Psychanalyse, 1976, 13, p.7-36.
- STOLOROW, R. D., LACHMANN, F.M., Psicanálise das Paradas do Desenvolvimento, RJ, Imago, 1983.
- TOURNIER, M., Os Meteoros, Lisboa, Dom Quixote, 1989.
- ZAZZO, R., Les Jumeaux, le couple, la personne, Paris, P.U.F., 1960.
- WINNICOTT, D., O Brincar e a realidade, RJ, Zahar, 1979.

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA  
PUC/RJ COM O TÍTULO DE "SER GEMEO - SER DUPLO - UMA  
SINGULAR HISTÓRIA NARCISICA" FAZENDO PARTE DA BANCA  
EXAMINADORA DOS SEGUINTE PROFESSORES:

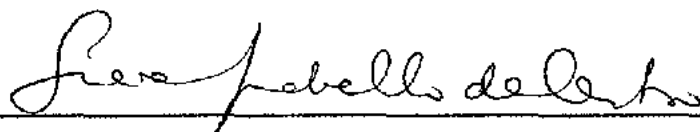


Profª Monique Rose Aimée Augras

Professor Orientador - PUC/RJ



Profª Angela Baraf Podkameni - PUC/RJ



Profª Lucia Rabello de Castro - PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 3/Junho/1992



Profª Ana Maria Nicolaci da Costa  
Coordenadora dos Programas de Pós-  
Graduação do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas